

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Sylvia Elieny Calandrini Brabo

A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves

Belém-PA
2019

Sylvia Elieny Calandrini Brabo

A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves

Dissertação de mestrado apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará – UEPA, na linha de pesquisa Saberes culturais e educação na Amazônia, sob orientação da Prof.^a Dr. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva.

Belém-PA
2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
Biblioteca do CCSE/UEPA, Belém - PA

Brabo, Sylvia Elieny Calandrini

A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª república (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves /Sylvia Elieny Calandrini Brabo; orientador Maria do Perpétuo Socorro, 2019.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2019.

1. Análise do discurso. 2. Leitura (Ensino de primeiro grau) 3. Leitura - Estudo e ensino. I. Silva, Maria do Perpétuo S. C. da (orient.). II. Título.

CDD. 23º ed. 372.4

Sylvia Elieny Calandrini Brabo

A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves

Data de aprovação: 08/04/2019

Banca examinadora

Prof.^a Dr. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva (Orientadora)
Doutora em Língua Portuguesa
Universidade do Estado do Pará

Prof.^a Dr. Laura Maria Silva Araújo Alves (Avaliadora externa)
Doutora em Educação
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. José de Anchieta (Avaliador interno)
Doutor em Educação Especial
Universidade do Estado do Pará

À vovó Nedi (*in memoriam*) e à minha mãe
Francisca.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, autor de todas as coisas e inspiração para a labuta que foi construir este trabalho. Não foi fácil... mas sempre senti Sua presença.

À minha mãe, por sua confiança irrestrita e apoio, e à minha família. A minha formação acadêmica foi sonhada e almejada por mim e por quem sempre esteve comigo, às vezes, nem sempre com ações, mas com orações e algum modo de incentivo.

Aos amigos e amigas, sem os quais não conseguiria. São muitos, mas em cada etapa da vida alguns se fazem mais presentes. Assim, na vida acadêmica a partir da graduação, minhas amigas da Coordenação de Letras, Jéssica, Clara, Márcia, Natália, Taíse e Tâmara – minha Chefinha, que sempre me incentivou a buscar o mestrado. Prof. Alonso e Augusto que também foram grandes incentivadores.

Cláudia, Bruno e Karlene, os melhores presentes que o Moderno poderia ter me dado. No trabalho editorial, prof. Armando, Sandra, seu Alexandre, Danilo, Sílvio, Gabriel e David; Lucival e Direne, sempre atentos à minha necessidade de livros.

Deus sempre me concede as melhores graças... e elas vêm na forma de amigos. Sarah, Rayza, Mayara e Dani, a melhor forma de sobreviver à especialização foi ser *literata nonsense*. Arnaldo, Tadeu e Gizele, obrigada por me entenderem, mesmo quando eu não me entendo. João Dantas, com sua atenção e os melhores presentes possíveis – livros! Livreiro fiel e um ombro amigo: Wagner, resista!

Aos meus alunos... É também por vocês tanta luta. Aos que já passaram por minha vida, aos que ainda passarão. Aos que estão e significam tanto: Artur, Bruna, Duda, Neto e Victor. E, claro, suas mães, Marla, Tatiane, Ana Cláudia e Tatiana. Também os meus alunos da Oficina de Textos.

Aos professores e professoras que passaram por minha vida. Todos foram importantes, especialmente aqueles que demonstraram amor pelo que fazem e me permitiram com isso seguir bons exemplos.

À minha orientadora, professora Socorro Cardoso, por sua confiança e cuidado para comigo. Mudar o projeto foi audacioso, mas muito válido para mim. À professora Socorro França, pela atenção e incentivo inicial no novo projeto e no desbravamento da História Cultural. Aos professores avaliadores, Prof. Dr. José Anchieta e Prof.^a Dr. Laura Alves pela preciosa contribuição na qualificação, o que permitiu o aprimoramento do texto.

À Sociedade Cinco de Agosto, que resiste e luta pela memória. Antônio Igo Soeiro, obrigada pelas generosas contribuições.

Ao PPGED-UEPA pela acolhida dos funcionários, especialmente Jorginho e Joaquim, e pelos professores comprometidos e tão humanos. E à Turma 13, por ser... a Turma 13.

A Palavra Mágica

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.

Como desencantá-la?

É a senha da vida
a senha do mundo.

Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.

Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional:** análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

O estudo intitulado “A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra ‘Selecta Litteraria’, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves” apresenta análise discursiva da obra publicada na 1ª República, no Pará. Esta investigação se justifica por serem poucos, até agora, os trabalhos sobre os livros de leitura no Pará, e se mostra relevante por constituir iniciativa de pesquisar o percurso da história da leitura no Pará e seus discursos subjacentes. Dessa perspectiva, partimos da hipótese de que a adoção do livro “Selecta Litteraria” visava a implantação de um modelo de leitura pensado para a escola primária. O objetivo geral deste trabalho é analisar o modelo de leitura que orientava a educação no Pará na 1ª República (1889-1930) na obra “Selecta Litteraria”, do professor Francisco Ferreira de Vilhena Alves. A operacionalização desse objetivo se dá pelos seguintes objetivos específicos: compreender a motivação do ensino de leitura na escola primária; identificar os discursos ideológicos que norteiam a obra e verificar a importância dos materiais de leitura para o ensino. O estudo, em questão, pauta-se na Análise Dialógica do Discurso (ADD), método que evidencia o discurso pela materialidade histórica, que será abordada pelos pressupostos da História Cultural. Os resultados demonstram que a intelectualidade paraense, na transição do século XIX para o XX, pensava um modelo de educação aos moldes das concepções europeias. A obra de Vilhena Alves, utilizada como livro de leitura nas escolas paraenses, era instrumento para a consolidação de um discurso, no qual estavam inscritas ideologias sobre educação e patriotismo.

Palavras-chave: Análise do discurso. História. Leitura. Escola primária do Pará. Vilhena Alves.

ABSTRACT

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional:** análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

The study entitled "A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra 'Selecta Litteraria', de Francisco Ferreira de Vilhena Alves" presents a discursive analysis of the work published in the 1st Republic, in Pará. This research is justified by the fact that there are so few works on reading books in Pará so far, and it is relevant because it is an initiative to research the history of reading in Pará and its underlying discourses. From this perspective, we start from the hypothesis that the adoption of the "Selecta Litteraria" aimed at the implantation of a reading model designed for primary school. The general objective is to analyze the reading model that guided education in Pará in the 1st Republic (1889-1930) in the work "Selecta Litteraria", by Professor Francisco Ferreira de Vilhena Alves. The operationalization of this objective occurs by for the following specific objectives: understanding the motivation of reading teaching in primary school; identifying the ideological discourses that guide the work and verifying the importance of reading materials for teaching. The study, in question, is based on Dialogical Discourse Analysis (DDA), a method that evidences discourse by historical materiality, which will be approached by the assumptions of Cultural History. The results demonstrate that the Paraense intelligentsia, in the transition from the 19th to the 20th century, thought a model of education in the mold of European conceptions. The work of Vilhena Alves, used as a reading book in the schools of Pará, was as instrument for the consolidation of a discourse in which ideologies about education and patriotism were inscribed.

Keywords: Discourse analysis. History. Reading. Elementary School of Pará. Vilhena Alves.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – Jornal <i>O Cinco de Agosto</i> , nº 1	42
IMAGEM 2 – Jornal <i>O Espelho</i> , nº 2	43
IMAGEM 3 – Folha de rosto da 4ª edição da <i>Primeira Grammatica da Infancia</i>	44
IMAGEM 4 – Folha de rosto da 2ª edição da <i>Segunda Grammatica da Infancia</i>	45
IMAGEM 5 – Folha de rosto da 1ª edição dos <i>Exercicios de Portuguez</i>	45
IMAGEM 6 – Folha de rosto da <i>Grammatica Portugueza</i>	46
IMAGEM 7 – Folha de rosto da 1ª edição do livro <i>Selecta Litteraria</i>	48
IMAGEM 8 – Folha de rosto da 2ª edição do livro <i>Selecta Litteraria</i>	49
IMAGEM 9 – Dedicatória que consta na 2ª edição do livro <i>Selecta Litteraria</i>	49
IMAGEM 10 – Trecho do prefácio escrito por Vilhena Alves.....	50
IMAGEM 11 – Jornal <i>A República</i> do dia 18 de fevereiro de 1900	53
IMAGEM 12 – Jornal <i>A República</i> do dia 20 de março de 1900	53
IMAGEM 13 – Trecho do parecer emitido pela comissão de avaliação	54
IMAGEM 14 – Trecho do texto <i>A mulher</i> , de Rocha Lima	62

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Textos que compõem o livro <i>Selecta Litteraria</i>	51
QUADRO 2 – Tipologias textuais do livro <i>Selecta Litteraria</i>	56

SUMÁRIO

SEÇÃO I INTRODUÇÃO	11
SEÇÃO II TESSITURAS METODOLÓGICAS.....	16
2.1 JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA TEÓRICA.....	16
2.2 TIPO DE PESQUISA	17
2.3 MÉTODO DE ANÁLISE	18
2.3.1 <i>História Cultural</i>	20
2.3.2 <i>Análise Dialógica do Discurso (ADD)</i>	21
SEÇÃO III A LEITURA ESCOLAR NO PARÁ DA 1ª REPÚBLICA (1889-1930)	28
3.1 LENDO O PARÁ	29
3.2 O ESTADO DO PARÁ PRECISA PENSAR A EDUCAÇÃO.....	30
3.3 OS AUTORES DOS LIVROS DE LEITURA	34
3.3.1 <i>Panorama nacional</i>	34
3.3.2 <i>Os autores de livros de leitura no Pará</i>	39
3.3.3 <i>Francisco Ferreira de Vilhena Alves</i>	41
SEÇÃO IV DO IMPRESSO AO DISCURSO	47
4.1 LIVROS DIDÁTICOS E IDEOLOGIA	47
4.2 <i>SELECTA LITTERARIA</i>	48
4.3 OS DISCURSOS SOBRE LEITURA INSCRITOS NAS OBRAS DE VILHENA ALVES	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS.....	76
ANEXOS.....	79
Anexo 1 – Autorização da Secretaria Geral da Instrução Pública do Estado do Pará.....	80
Anexo 2 – Parecer da comissão de avaliação.....	81
Anexo 3 – Regulamento geral do ensino primário.....	84
Anexo 4 – Prefácio escrito por Vilhena Alves.....	85

SEÇÃO I INTRODUÇÃO

Enveredar-se pelos caminhos das letras é tarefa das mais nobres – a tradição o diz – e, talvez por isso, das mais árduas, a ponto de se ter que lutar com as palavras para que o texto se materialize. O poeta Carlos Drummond de Andrade afirma ser esta uma luta vã, afinal, elas são tantas... O que se pode almejar é apenas um tanto para a vida, para o constante exercício da comunicação.

Meu contato com as letras, isto é, pensá-las como produtora de sentidos, de fato, aconteceu no Curso de Letras – Habilitação em língua portuguesa, da Universidade do Estado do Pará. Interessei-me inicialmente pela pesquisa sobre a leitura, desde a perspectiva do letramento até as estratégias para o ensino da produção de textos, o que se tornou a minha prática docente como professora da disciplina redação nos ensinos fundamental e médio. Tal prática se mostrou desafiadora, pois ensinar os jovens a tecerem seus textos evidenciou uma “velha” novidade: a escrita é prejudicada se não há leitura.

As inquietações surgiram, bem como a busca pelo aprimoramento, por isso a procura por um curso de especialização – cuja conclusão se deu por meio de um trabalho sobre a leitura literária, a partir da categoria cronotopo de Mikhail Bakhtin: *Análise do cronotopo no conto a disciplina do amor*, de Lygia Fagundes Telles – e o anseio pelo curso de mestrado, que veio a ser o de educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará – PPGED-UEPA. O projeto aceito abordava o letramento para a formação de leitores proficientes; a partir das leituras das disciplinas e orientações, foi redefinido: ainda pensava a formação de leitores, mas destacava a argumentação como estratégia de leitura e conseqüente produção escrita de jovens do ensino médio.

Todavia – ainda considerando as palavras de Drummond –, as palavras “Deixam-se enlaçar, tontas à carícia [...]” e, assim, fui convidada pelas professoras Socorro Cardoso e Socorro França a participar de um projeto coordenado por esta. O projeto, intitulado *Escola Primária no estado do Pará na Primeira República: saberes e práticas (1889-1930)*, consiste em uma pesquisa documental que objetiva compreender como se estabeleciam as relações de práticas e saberes no cotidiano da escola primária, bem como conhecer o perfil dos professores, os materiais utilizados e as celebrações. O referido projeto aponta em sua justificativa que pouco se estuda a educação primária, e menos ainda, como pude perceber, as concepções de leitura dessa época.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

A partir do interesse de pesquisar a leitura na escola primária no Pará, passei a fazer o levantamento, a fim de se conhecer o que já foi pesquisado sobre a temática.

As palavras-chave para a busca foram “leitura no Pará”, “livros de leitura no Pará” e “cartilha”, que resultaram em diversos trabalhos com a temática *leitura*, disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); destes apenas 04 (quatro) coadunam-se com a intenção desta pesquisa – pesquisar sobre a leitura no Pará durante a 1ª República –, que considerou como intervalo de tempo trabalhos publicados de 2009 a 2017, estes apresentados por anos de publicação:

- a) *Leitura a vapor: a cultura letrada na Belém oitocentista*, de Izenete Garcia Nobre, dissertação defendida em 2009;
- b) *Arquivos, bibliotecas e periódicos na Vigia oitocentistas*, de Joseane Sousa Araújo, dissertação defendida em 2011;
- c) *Infância, educação e criança: um estudo histórico-literário nas obra “Serões da Mãe Preta” e “Chove nos campos de Cachoeira” (1897-1920)*, de Maria do Socorro Pereira Lima, tese defendida em 2015.
- d) *A ordem de educar meninos na Amazônia paraense: uma análise discursiva da obra “Compêndios de civilidade cristã” de Dom Macedo Costa (1880-1915)*, de Raimunda Dias Duarte, tese defendida em 2015.

O critério para essa seleção foi o de que apresentassem o tema da leitura e dos impressos no Pará e que o período histórico da análise se situasse na transição do Império para a República. Além de apresentarem em seu quadro teórico referências da História Cultural e da Análise do Discurso, para que, com esse direcionamento, o presente estudo fosse delineado. Todos os trabalhos são da Universidade Federal do Pará (UFPA) e, a seguir, será apresentada a intenção de pesquisa de cada um deles.

A dissertação de Izete Garcia Nobre (2009) apresenta o cenário da leitura, a partir de 1850, em uma cidade que vivia a transformação social e cultural e para a qual o conceito de “civilidade” passou a vigorar sob o pressuposto de uma cultura letrada. Assim, o objetivo é o de historiografar o processo de circulação dos livros e o hábito de leitura da população belenense. O resumo não discorre sobre a opção metodológica, que se verifica na escolha da história da leitura e do livro, baseada na bibliografia de Roger Chartier.

O objetivo de Josane Sousa Araújo (2011) em sua dissertação é o de historiografar a importância da cidade de Vigia no cenário literário de uma época em que a criação de

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

grupos e sociedades civis permitia a reunião de intelectuais, que discutiam de religião a política. Esse trabalho também não apresenta um resumo que detalha a metodologia; essa construção é evidenciada no decorrer da leitura e no referencial teórico, no qual também se percebe a opção pela história da leitura e do livro.

Maria do Socorro Pereira Lima (2015) situa seu trabalho no campo da história da infância relacionada à análise literária – o que não é convencional –, objetivando analisar o lugar que a criança ocupa na educação e nas referidas obras. Os pressupostos metodológicos são amparados pela Nova História Cultural, marcando a relação entre história e literatura, esta evidenciando os acontecimentos significativos daquela, neste caso, a decadência da borracha na Amazônia.

A tese de Raimunda Dias Duarte (2015) é um estudo pioneiro, que apresenta os livros de leitura no Pará, a partir de pesquisas feitas por Eidorfe Moreira e Theodoro Braga. Da seleção proposta e do que foi encontrado na Biblioteca Pública Arthur Vianna, a autora fez a opção pela obra *Compêdio de civilidade cristã* de Dom Macedo Costa, objetivando analisar os discursos de civilidade que orientavam a educação de meninos durante a 1ª República no Pará. Para isso, parte da análise do texto em duas perspectivas: como objeto físico e como texto, baseando-se na História Cultural e na Análise Dialógica do Discurso, a fim de compreender os processos de impressão e circulação dos impressos e as ideologias que o texto apresentava explícita e/ou implicitamente.

Destarte, traçado o caminho, esta pesquisa tratará da história da leitura no Pará (1889-1930) tendo como questão preponderante: *Como se apresentava o modelo de leitura na obra Selecta Litteraria, do professor Francisco Ferreira de Vilhena Alves?*

Dessa indagação, surgiram questionamentos, relacionados à intenção desta pesquisa, que é saber: qual a concepção de leitura no Pará, durante a 1ª República? Com qual finalidade se ensinava leitura na escola primária? Qual a importância dos materiais de leitura para o ensino na escola primária?

Com a pressuposição de que a pesquisa acharia as respostas, o presente estudo se propõe a pesquisar a leitura no Pará da 1ª República, a partir de uma obra do professor Francisco Ferreira de Vilhena Alves, que foi adotada na escola primária do Pará.

Da leitura dos trabalhos anteriormente mencionados, foi determinante o trabalho de Raimunda Dias Duarte, ao apresentar uma pesquisa extensa sobre os livros de leitura no Pará, em um período que compreende o final do Império e o início da República. Nesse

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

contexto, chamou atenção a produção do professor Francisco Ferreira de Vilhena Alves (doravante Vilhena Alves), intelectual da educação e escritor de diversos livros de estudos gramaticais e poesias.

Considerando a perspectiva até aqui apresentada, e já com uma intenção de pesquisa esboçada, dirigi-me à Biblioteca Arthur Vianna – biblioteca pública do Estado do Pará – para procurar obras de Vilhena Alves. No setor de obras raras, tive acesso aos exemplares dos seguintes livros:

- a) *Compêndio de Análise Moderna, Lexicologia e Sintática* (1895). Editado por J. B. dos Santos e impresso na Tipografia do Diário Oficial.
- b) *Gramática Portuguesa* (1895). Destinada ao nível primário superior e editada por Pinto Barbosa & Cia.
- c) *Selecta Litteraria* (1900, 2ª edição). Editado por R. L. Bittencourt.
- d) *Miscellanea Litteraria* (1900). Editado por R. L. Bittencourt.
- e) *Enlevos Poéticos* (livro de poesia).

Percebi que havia possibilidade de analisar obras de Vilhena Alves e nelas o modelo de leitura concebido por ele em sua época. Ainda mais considerando a importância creditada aos livros de leitura pelos intelectuais da época, como José Veríssimo – autor que será apresentado na terceira seção deste trabalho –, principalmente a partir da Proclamação da República e consequente necessidade de valorização da letra nacional.

Foram selecionadas duas obras: *Selecta Litteraria* e *Miscellanea Litteraria*. Tal seleção, inicialmente, foi motivada por uma possível comparação entre o discurso de uma e de outra, pois, a meu ver, o *Selecta* é voltado para os alunos e o *Miscellanea* destinado aos professores. Todavia, após o exame de qualificação, foi aceita a proposição da banca de fazer a análise de uma obra apenas. Destarte, optou-se pelo *Selecta Litteraria*, que se coaduna diretamente com o objetivo desta pesquisa, porque, segundo Moreira (1979, p. 26), o livro *Miscelânea Literária* “não se inclui entre as [...] obras escolares” de Vilhena Alves, “É obra de divulgação, compendiando artigos seus sobre variados assuntos, inclusive geográficos, publicados anteriormente em periódicos locais”.

Nesse sentido, o objetivo geral deste estudo foi analisar o modelo de leitura que orientava a educação no Pará na 1ª República (1889-1930) na obra *Selecta Litteraria*, do professor Francisco Ferreira de Vilhena Alves.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Para alcançar esse objetivo, busquei compreender a motivação do ensino de leitura na escola primária; identificar os discursos ideológicos que estão inscritos na obra *Selecta Litteraria* e verificar a importância dos materiais de leitura para o ensino.

Reportando-me ao levantamento, reitero que são poucos os trabalhos voltados para a história do livro de leitura no Pará. Daí a importância do projeto coordenado pela Prof.^a Dr. Socorro França e a produção acadêmica de Maricilde Coelho sobre a leitura na escola primária do Pará. É dela a leitura inicial para a construção desta dissertação, o artigo intitulado *Para despertar no coração da mocidade o sentimento de amor à Pátria: o livro Seleta Literária, do professor Francisco Ferreira Vilhena Alves*.

Diante da necessidade de pesquisa nesse campo, decidi-me por trilhar o percurso de análise do estudo da obra *Selecta Litteraria*, de Vilhena Alves, analisando os discursos a partir do aporte teórico da Análise Dialógica do Discurso de concepção bakhtiniana e os livros como objetos físicos na concepção de Roger Chartier.

O que foi exposto até aqui delinea a pesquisa desenvolvida por sua relevância no campo das letras e da história da educação do Pará, e que está dividida da seguinte forma: a esta introdução – considerada a primeira seção deste estudo –, seguirá a segunda seção, que apresenta o texto e sua ancoragem teórico-metodológica a partir dos pressupostos da História Cultural de Roger Chartier e da Análise Dialógica do Discurso do círculo bakhtiniano.

Os pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural ajudam no entendimento para a construção da terceira seção, que insere a produção intelectual do professor Vilhena Alves no contexto de produção de uma Belém que vive uma profusão de mudanças, seja de ordem econômica, seja de ordem educacional.

A quarta seção é a análise, amparada pelos pressupostos da Análise Dialógica do Discurso, da obra *Selecta Litteraria*, do professor Vilhena Alves, buscando entender os discursos e as ideologias inscritas na produção que circulou como livro de leitura na escola primária do Pará durante a 1ª República (1889-1930).

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

SEÇÃO II TESSITURAS METODOLÓGICAS

Mensageira invisível da ideia¹, iris celeste do nosso espírito, ella [a palavra] agita as suas azas douradas, murmura ao nosso ouvido docemente, brinca ligeira e travêssa na imaginação, embala-nos em sonhos falgueiros, ou nas suaves recordações do passado.²

A linguagem causa – ou deveria causar – sempre inquietação, afinal, a palavra é a inspiração para a vida – a poética e a cotidiana. E sobre isso é necessário pensar, problematizar. As maneiras de ler devem ser problematizadas, pois são os sujeitos que produzem o sentido e agem, mas não devem fazê-lo a partir de uma pretensa neutralidade, que pode levar ao equívoco.

Este trabalho se baseia em uma pesquisa bibliográfica e documental, na qual foi eleito um sujeito enunciativo – o livro *Selecta Litteraria*, que, de acordo com os pressupostos da Análise do Discurso, tem algo a enunciar, pois está situado em um tempo e em um espaço.

2.1 JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA TEÓRICA

O objetivo geral deste trabalho é analisar o modelo de leitura que orientava para a educação no Pará na 1ª República (1889-1930³) na obra *Selecta Litteraria*, do professor Francisco Ferreira de Vilhena Alves, buscando entender as ideologias que norteavam os princípios do ensino de leitura na escola primária do Pará.

Para analisar o objeto de estudo, o fundamento são os postulados de Mikhail Bakhtin e Roger Chartier. O primeiro é filósofo da linguagem e,

Do ponto de vista teórico, o traço distintivo dos escritos de Bakhtin é a preocupação com a decifração da “interação verbal” ou da “translinguística”⁴. Essa preocupação ou esse modo de propor a problematização da linguagem e das relações humanas é o que permite a Bakhtin se posicionar em relação às diferentes teorias que mobilizaram a linguagem em diferentes campos do conhecimento (FARIA FILHO, 2017, p. 115, destaque do autor).

¹ Em todas as referências diretas, a começar pelo título da obra analisada, optamos por manter a grafia original.

² Texto de José de Alencar, intitulado *A palavra*, selecionado para compor o *Selecta Litteraria*.

³ Mantivemos o recorte histórico do projeto coordenado pela professora Socorro França por não ter encontrado o período de circulação da obra.

⁴ Bakhtin apresenta uma terceira via: não uma linguística estrutural ou uma análise abstrata da linguagem (subjetivismo), mas uma “uma espécie de saber do signo que implica uma antropologia ou uma teoria geral da cultura como relação contraditória de discursos. A *translinguística* pressupõe justamente a relação entre estrutura social coletiva, a língua como estrutura semiótica, e os usos particulares dela, as apropriações que sujeitos empíricos fazem dela em situação, semantizando o discurso” (HANSEN, 1994, p. 10 apud FARIA FILHO, 2015, p. 117, destaque do autor).

Ainda segundo Faria Filho,

São raros os trabalhos de História da Educação que tomam o autor [Bakhtin] como referencial teórico ou interlocutor. Bakhtin ainda é relativamente desconhecido entre os historiadores da educação, mesmo tratando de temas e problemas que têm alimentado e ampliado o interesse no campo da História da Educação (FARIA FILHO, 2017, p. 105).

Roger Chartier é o teórico da leitura que, quando se detém nas práticas de escrita, segundo Pécora (2011), considera três momentos distintos: o primeiro seria a base histórica, de um momento que não é mais o presente, mas que é possível remontar a partir dos textos; o segundo seria a materialidade do impresso e os discursos veiculados a partir deles; o terceiro, recai na conceituação do termo *leitura*, devido à relação simbiótica entre texto e imagem.

Neste estudo, a análise da obra *Selecta Litteraria* será baseada na Análise Dialógica do Discurso (ADD) e no estudo do livro como objeto físico, considerando os pressupostos da pesquisa documental.

2.2 TIPO DE PESQUISA

O tear da história é extenso e complexo, por isso as abordagens são tão diversas entre si. No caso de uma produção impressa, a tessitura a ser analisada requer um tipo de pesquisa que permita tanto a diversidade do conceito do que seria uma fonte, quanto os significados depreendidos a partir dessa fonte.

Jacques Le Goff apresenta dois materiais da memória coletiva: monumento e documento. Tais materiais resistem ao tempo devido a escolhas feitas por historiadores. Nesse caso, são os documentos frutos dessas escolhas. O autor afirma que o termo *documento* tem sua origem etimológica em *docere* (= ensinar), mas chegou à atualidade com o sentido de prova, por ser eleito pelos historiadores como o fundamento para a comprovação do fato histórico. Como prova, nele está imbuído o valor de falso ou verdadeiro, cabe ao pesquisador “pôr à luz as condições de produção [...] e de mostrar em que medida o documento é um instrumento de poder [...]” (LE GOFF, 2003, p. 485).

Ainda acerca do documento, o autor afirma que ele

É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante os quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo (LE GOFF, 2003, p. 496-497).

A pesquisa do tipo documental é abrangente e profícua nos resultados, por serem várias as formas do que se entende como *documento*, a partir da ruptura com a historiografia tradicional, que considerava documento apenas a partir de uma história globalizante, sem considerar as especificidades das relações sociais e os seus sujeitos (RODRIGUES; FRANÇA, 2010). Dessas especificidades é que advém uma das principais características da pesquisa documental: “conhecer a história do documento [...], buscando apreender sob que condições ele foi produzido, quem o escreveu e com que propósito. Além disso, deve identificar-se a sua forma material e o conteúdo que aborda” (RODRIGUES; FRANÇA, 2010, p. 60).

As autoras ainda consideram que

As palavras não podem ser interpretadas fora do contexto em que foram produzidas, pois as impressões do documento retratam os interesses de quem o produz. O pesquisador deve submeter o documento a uma análise rigorosa e contextualizada. Na pesquisa, é sempre bom ter uma boa dose de paciência para se evitar conclusões precipitadas (RODRIGUES; FRANÇA, 2010, p. 62).

Tal preocupação é válida, afinal nenhum discurso é neutro; sua intenção pode comunicar algo para um dado momento histórico, mas que diferirá para outro. A confrontação ideológica é inevitável. No entanto, há que se diferenciar o tocante ao conceito e o momento em que foi enunciado. Daí a importância do método de análise.

2.3 METÓDO DE ANÁLISE

O estudo da linguagem apresenta tantas perspectivas quantas forem as abordagens pretendidas. Tradicionalmente, ora é destacada a perspectiva linguística, ora a gramatical. Até que, na década de 60, surge uma perspectiva de análise particular: a Análise de Discurso, que

concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (ORLANDI, 2015, p. 13).

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

O enunciado materializa-se nos discursos, e, para Orlandi, vai além do esquema elementar proposto pela teoria da comunicação – um emissor, ao desejar referendar algo por meio de um código, transmite uma mensagem a um destinatário –, pois

não se trata de transmissão de informações apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. (ORLANDI, 2015, p. 19).

Nesse sentido, cabe ao pesquisador proceder de tal modo que o discurso se evidencie por meio da materialidade histórica, que, por sua vez, veicula ideologia à possibilidade de interpretação daquilo que não foi dito, assim, a análise dessa interpretação pode ser dividida:

- a. em um primeiro momento, é preciso considerar que a interpretação faz parte do objeto de análise, isto é, o sujeito que fala interpreta e o analista deve procurar descrever esse gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido submetido à análise;
- b. em um segundo momento, é preciso compreender que não há descrição sem interpretação, então o próprio analista está envolvido na interpretação. Por isso é necessário introduzir-se um dispositivo teórico que possa intervir na relação do analista com os objetos simbólicos que analisa, produzindo um deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação: esse deslocamento vai permitir que ele trabalhe no entremeio da descrição com a interpretação (ORLANDI, 2015, p. 59).

Para tanto, há a necessidade de se eleger um *corpus*, que “não segue critérios empíricos (positivistas), mas teóricos” e que pode ser experimental ou de arquivos. “Quanto à natureza da linguagem, devemos dizer que a análise de discurso interessa-se por práticas discursivas de diferentes naturezas: imagem, som, letras, etc.” (ORLANDI, 2015, p. 60).

A este estudo interessa a linguagem expressa por um texto, que por sua vez veicula um discurso⁵ e foi impresso e distribuído como livro de leitura durante a 1ª República no Pará: *Selecta Litteraria*. E as áreas de conhecimento que permitem relacionar essa perspectiva são a Análise Dialógica do Discurso e a História Cultural.

⁵ A autora relaciona *texto* e *discurso* da seguinte maneira: “O texto é a unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte. O que faz ele diante de um texto? Ele o remete imediatamente a um discurso que, por sua vez, se explicita em suas regularidades pela sua referência a uma outra formação discursiva que, por sua vez ganha sentido porque deriva de um jogo definido pela formação ideológica dominante naquela conjuntura” (ORLANDI, 2015, p. 61).

2.3.1 História Cultural

A História como ciência viveu sua virada pragmática quando pensadores começaram a questionar a história oficial, que apenas privilegiava um lado dos acontecimentos: o lado dos vencedores que compunham a elite e os seus símbolos, que passaram a representar ideais românticos e exclusivos de uma geração imortalizada por “heróis”. Os que não eram da elite, ou que não lutavam por seus interesses, não mereciam ser lembrados.

A Escola dos Annales foi determinante para essa virada, pois

A necessidade de uma história mais abrangente e totalizante nascia do fato de que o homem se sentia como um ser cuja complexidade em sua maneira de sentir, pensar e agir não podia reduzir-se a um pálido reflexo de jogo de poder, ou de maneiras de sentir, pensar e agir dos poderosos do momento. Fazer *uma nova história*, na expressão usada por Febvre, era portanto menos redescobrir o homem do que, enfim, descobri-lo na plenitude de suas virtualidades, que se inscrevem concretamente em suas realizações históricas. Abre-se em consequência, o leque de possibilidades do fazer historiográfico, da mesma maneira que se impõe a esse fazer a necessidade de ir buscar junto a outras ciências do homem os conceitos e os instrumentos que permitiram aos historiador ampliar a visão do homem (BURKE, 2010, p. 8, destaque do autor).

Peter Burke apresenta Roger Chartier como um estudioso importante para a terceira geração da Escola dos Annales, porque seus ensaios

exemplificam e discutem uma mudança na abordagem, como ele diz, “da história social da cultura para a história cultural da sociedade”. Isto é, os ensaios sugerem que os historiadores [...] geralmente aceitavam como estruturas objetivas [as] vistas como culturalmente “constituídas” ou “construídas”. A sociedade em si mesma é uma representação coletiva (BURKE, 2010, p. 110-111, destaque do autor).

Chartier centra sua produção intelectual na história das práticas de leitura em impressos, que, na dinâmica editorial, considera a criação autoral e a recepção pelo leitor. Quando da análise da fonte impressa, segundo o autor, é possível perceber estratégias utilizadas a fim de que o texto fosse “aceito” como produção intelectual válida: de forma explícita, sua circulação; de forma implícita, o discurso é aceito e compreendido sem questionamentos (CHARTIER, 2011).

A área de interesse desse teórico é a história da leitura em confronto com a história do livro, e esse estudo possui três vias: uma de matriz histórica, outra se refere à apropriação do texto pelo leitor e, por fim, uma que está relacionada ao entendimento do termo *leitura*.

A matriz histórica é que permite ao pesquisador analisar obras antigas, mas as leituras não acontecerão *in loco*. Para superar esse “déficit”, o analista deve buscar no

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

material impresso índices das práticas de leitura; o que leva à segunda via: a apropriação diz respeito aos modos e sentidos apreendidos do texto pelo leitor⁶. A terceira via aborda as fronteiras da leitura a partir da virada pragmática: rompe-se com a concepção de uma leitura “oficial” e homogênea.

Nesta pesquisa, será considerada a estratégia explícita e, destacadamente, a via histórica, o entendimento e ampliação do termo *leitura*, a partir da materialidade de uma obra publicada por Vilhena Alves, que circulou na escola primária do Pará, e os discursos veiculados a partir da leitura dessa obra. Tais discursos serão analisados pelos postulados da Análise Dialógica do Discurso.

2.3.2 Análise Dialógica do Discurso (ADD)

Os estudos da linguagem têm sua sistematização a partir das análises de Ferdinand Saussure (1857-1913), fundador da linguística moderna, nos quais opôs socialmente *langue* a *parole*. Mas tal oposição foi questionada e os estudos linguísticos avançaram a partir de outras perspectivas.

Uma delas foi a apontada por Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975), filósofo da linguagem, nascido na Rússia. Seus escritos só ficaram conhecidos no Ocidente a partir da década de 60 do século passado e tiveram grande impacto.

Segundo Helena. H. Nagamine Brandão, o filósofo russo concorda com Saussure sobre a língua ser um fato social, “No entanto, afasta-se do mestre genebrino ao ver a língua como algo concreto, fruto da manifestação individual de cada falante, valorizando dessa forma a fala” (BRANDÃO, 2004, p. 7), que se manifesta em um enunciado, realidade da linguagem e que passa a ser objeto de estudos da área da linguagem.

É por meio dos atos de enunciação que ocorre a interação verbal, cujo fundamento é a língua, e todos os participantes desse ato são responsáveis pelo resultado da interação. Por isso se entende a língua como signo *dialético* e *dialógico*. Dessa forma, a língua é um fenômeno linguístico e também social.

A língua é um signo ideológico por natureza, porque é por meio dela que se representa a realidade, mas cada sujeito a faz da sua maneira, o que resulta em um conflito,

⁶ Esta via não será considerada nesta análise, pois a distância temporal e a falta dos leitores primeiros da obra inviabiliza tal abordagem.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

visto que os atos de enunciação precisam de dois ou mais para que exista o diálogo. Assim, por meio da língua que, por excelência, se manifesta a ideologia.

O momento em que a linguística elege a interação em detrimento da língua – que por sua configuração enquanto sistema apenas estrutural é ideologicamente neutro – é quando se busca compreender as motivações e consequências da interação, ou seja, o discurso é o elo entre a realidade social e a linguística.

Leitura e discurso evidenciam uma relação simbiótica no pensamento corrente. No entanto, quando é destacado o discurso, a leitura “é posta em suspenso”, assim, o texto não é apenas uma sequência de palavras, é linguagem “porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história” (ORLANDI, 2015, p. 23). Por isso

A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender (ORLANDI, 2015, p. 24, destaque da autora).

Um dos fatores de compreensão são as *condições de produção* do discurso, que é determinada pelos *sujeitos* e pelo *momento* que o discurso é enunciado; a relação desses elementos gera o contexto (ORLANDI, 2015). O entendimento desse contexto pode advir da análise de um aspecto determinante da enunciação: a ideologia.

A ideologia é um conceito-chave para Mikhail Bakhtin, pois ela atravessa todos os discursos, cuja natureza é dialógica, visto que se materializam na interação do eu com o outro. De acordo com Costa (2017, p. 139), a teoria bakhtiniana não trata especificamente da ideologia, mas

alguns dos conceitos centrais com que ele trabalhará a partir de 1929 são em grande medida resultantes do amadurecimento da reflexão, que desenvolvida sobretudo nos textos de Volóchinov e Mediviédev no final de 1920, tem como um dos principais focos de interesse justamente o fenômeno ideológico.

A linguagem é o *campo* de trabalho do teórico russo, é por meio dela que se apresenta o viés da ideologia, pois a linguagem permite a interação entre os sujeitos, o que, ao mesmo tempo produz sentido, que será compreendido na medida que a interação for efetivada, o que resulta na enunciação. A enunciação é dirigida a outrem, cuja posição social é determinante para o entendimento do sentido. Assim, são confrontadas duas ideologias: a

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

oficial e seus discursos globalizantes e a ideologia do cotidiano, que emerge no encontro e aproximação, visando o diálogo, que é motivado por conflitos.

Dessa maneira é que se chega às categorias bakhtinianas para a posterior análise das obras de Vilhena Alves. São elas:

a) ideologia

Valentin Volóchinov a entende como um acontecimento inerente à linguagem, afinal a todo momento se quer convercer e argumentar, a fim de tornar o ponto de vista válido. Por isso, toda palavra é um signo ideológico, porque

signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. [...]. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia (VOLÓCHINOV, 2011, p. 93).

É por isso que determinadas estruturas se perpetuam na sociedade: a realidade reflete a visão de mundo de um grupo em posição social prestigiada (minoridade). Segundo Miotello (2008, p. 168-169), “A ideologia oficial é entendida como relativamente dominante, procurando implantar uma concepção única de produção de mundo”, e a palavra é utilizada como ferramenta de propagação de ideais muitas vezes dissonantes da realidade da maioria. Para Bakhtin, a

palavra é um produto ideológico [...] porque acumula as entonações do diálogo vivo dos interlocutores com os valores sociais, concentrando em seu bojo as lentas modificações ocorridas na base da sociedade e, ao mesmo tempo, pressionando uma mudança nas estruturas sociais estabelecidas (STELLA, 2008, p. 178).

Stella (2008, p. 179) apresenta quatro propriedades que corroboram a definição bakhtiniana para a *palavra*: (i) nela se evidencia a *pureza semiótica*, que lhe permite circular como ideologia; (ii) por meio dela o sujeito pode buscar a *interiorização*⁷ (consciência) e mesmo assim dialogar com a realidade; (iii) todo diálogo advém de um confronto, para isso os sujeitos devem conceber o uso da palavra na *participação em todo ato consciente*, no qual ela “funciona tanto nos processos internos da consciência, por meio da compreensão e da interpretação do mundo pelo sujeito, quanto nos processos externos de circulação da palavra em todas as esferas ideológicas”; (iv) a *neutralidade* garante à palavra a

⁷ Esta propriedade pode ser percebida na criação literária; ela permitiu o desenvolvimento do monólogo interior e do fluxo de consciência, recursos utilizados por Dostoiévski e Clarice Lispector, por exemplo.

possibilidade de assumir qualquer função, que será determinada pelo contexto no qual é empregada. Logo, toda palavra é polissêmica, por isso não existe sentido denotativo.

A partir dessa definição, é possível entender que o conflito na interação e a significação advinda dela é que instaura a *nova* consciência nos sujeitos.

b) enunciado

Bakhtin (2011, p. 269) afirma que o enunciado é a “unidade real da comunicação discursiva”, é o resultado da interação entre pessoas que precisam compartilhar certas convenções tidas como corretas. O autor ainda o define como um evento único e irrepetível e que gerará sempre um ato responsivo, pois é inerente à interação a alternância entre os sujeitos que se comunicam. Essa é uma das características do enunciado.

À alternância está ligado o acabamento/inacabamento, que garante que em um dado momento o enunciado foi completado, mas isso não impede que outro ato responsivo seja feito e que a alternância volte a acontecer.

Por fim, Bakhtin (2011) apresenta a característica que vincula o enunciado ao autor, àquele que se tornou ativo no ato comunicativo, tanto na maneira de enunciar, quanto no conteúdo e na forma do que desejou expressar.

De acordo com Brait e Melo (2008, p. 62),

dentro do pensamento bakhtiniano, as possibilidades de leitura dos termos *enunciado*, *enunciado concreto*, *enunciação* só têm sentido na articulação com outros termos, outras categorias, outras noções, outros conceitos que, mais do que constitutiva proximidade, lhes conferem sentido específico, diferenciado de qualquer outra perspectiva teórica.

Tal assertiva, ainda segundo as autoras, não impede de perceber nesses conceitos características distintas para se proceder à análise. Todavia, esta só será válida se for considerado o enunciado a partir de um ponto de vista histórico, cultural e social, bem como os sujeitos envolvidos no processo de comunicação.

c) gêneros do discurso

O sujeito tem necessidade de se comunicar, e o faz por meio de enunciados. Quanto maior for essa necessidade, profícua será a produção de gêneros para a materialização dos enunciados. Segundo Bakhtin (2011, p. 263), “Cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Sendo enunciados, são formas concretas e históricas, logo, são realizações discursivas, como os livros escolares de leitura – que serão abordados na seção seguinte –, que apresentam textos com conteúdo temático, construção composicional e estilo: respectivamente, refere-se ao sentido, ao modo de organização do texto e à seleção de aspectos linguísticos, considerando-se o interlocutor. Assertiva é a análise de Costa (2017, p. 153) ao afirmar que

[...] o gênero do discurso opera como uma mediação pela qual os indivíduos são discursivamente socializados, ou seja, como um elemento de construção de sujeitos socialmente capazes de enunciar e compreender enunciados e, portanto, de participar de uma comunicação socioideológica. Por intermédio do gênero, cuja presença é um dado fundamental em todas as esferas de comunicação social. O movimento de construção do indivíduo como sujeito discursivo (e, por extensão, como sujeito que formula ideias, pensamentos, valores e demais elementos da consciência que se estruturam pela linguagem) se constrói em estreita articulação com as determinações e os condicionamentos da realidade histórico-social.

Os gêneros do discurso podem ser primários ou secundários. Os primários – ou simples – são os relacionados à vida cotidiana; os secundários – ou complexos – advêm de uma comunicação mais elaborada. O que os difere é o uso, assim não há grau de importância. Para Bakhtin, a diferença está na natureza responsiva mais imediata ou não. O ato responsivo pode às vezes permanecer no silêncio: é *compreensão ativamente responsiva de efeito retardado*, porque “Cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde aos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte” (BAKHTIN, 2011, p. 272).

Quando se pesquisa documentos, essa natureza se evidencia na análise das obras já publicadas, pois, no campo da cultura,

Um livro, ou seja, *um discurso verbal impresso* também é um elemento de comunicação discursiva. [...]. Além disso, esse discurso verbal é inevitavelmente voltado para discursos anteriores tanto do próprio autor quanto de outros, realizados na mesma esfera, e esse discurso verbal parte de determinada situação de um problema científico ou de um estilo literário. Desse modo, o discurso verbal impresso participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta, ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante (BAKHTIN, 2011, p. 219, destaque do autor).

Dessa questão emerge o suporte dos gêneros textuais⁸. Luiz Antônio Marcuschi o define como “*um locus físico ou virtual com formato específico que serve como base ou*

⁸ Marcuschi (2008) utiliza recorrentemente no seu livro a expressão *gênero textual*, mas optamos por usar *gênero* ou *gênero do discurso*, considerando a literatura bakhtiniana. Para Marcuschi, não é pertinente discutir o uso corrente das expressões, e, sim, “[...] adotar a posição de que todas essas expressões podem ser usadas

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

ambiente de fixação do gênero materializado no texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174, destaques do autor).

Para o referido autor, é necessário diferenciar bem os gêneros do seu suporte. Segundo Marcuschi (2008), o estudo dos gêneros começou a ser sistematizado por Platão, que se interessou pela tradição poética. E a ideia central dessa sistematização se mantém até hoje, no sentido de que *gênero* está ligado a um tipo de construto específico – nos primórdios da história da cultura escrita, foram os gêneros literários, a saber, a epopeia, a tragédia e a comédia⁹. Aristóteles foi quem contribuiu com a análise desse construto ao relacionar os gêneros com a natureza do discurso desses gêneros. De acordo com as necessidades de seu tempo, o filósofo reconheceu apenas o discurso retórico – discurso deliberativo, discurso judiciário e discurso demonstrativo. Todavia, diversos autores avançaram nos estudos e

Isso está tornando o estudo dos gêneros textuais um empreendimento cada vez multidisciplinar. Assim, a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas (MARCUSCHI, 2008, p. 149).

Quanto ao suporte, há dois tipos: o convencional e o incidental. Este serve de suporte ocasionalmente; aquele tem a função específica de portar um texto. Marcuschi (2008) se propõem a analisar alguns suportes e suas características. Interessa-nos o primeiro a ser analisado: o livro.

Seguramente, todos vamos concordar que o livro não é um gênero textual. Seja ele qual for, desde que visto como *livro*. Trata-se de um suporte maleável, mas com formatos definidos pela própria condição em que se apresenta (capa, páginas, encadernação etc.). O livro comporta os mais diferentes gêneros que se queira. Contudo, podemos ter um livro que ao mesmo tempo realiza apenas um gênero, como no caso do *romance* ou a *tese de doutorado*. Nesses casos, distinguimos entre os *gêneros textuais* romance e tese de doutorado e o *suporte textual* livro (MARCUSCHI, 2008, p. 178, destaques do autor).

O autor não faz “distinção sistemática entre *livro* e *livro didático* já que se trata de fenômenos similares”. Mas os apresenta separadamente, pois reconhece que “há elementos muito específicos do livro didático e uma funcionalidade típica [...]” (MARCUSCHI, 2008, p. 179, destaques do autor). Ele acrescenta:

intercambiamente, salvo naqueles momentos em que se pretende, de modo explícito e claro, identificar algum fenômeno específico” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

⁹ Outros foram analisados, mas somente esses três resistiram ao tempo.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

O livro didático é nitidamente um suporte textual, embora a opinião não seja unânime a esse respeito. Não obstante os argumentos em contrário, ainda se pode dizer que o livro didático (LD), particularmente o LD de língua portuguesa, é um suporte que contém muitos gêneros, pois a incorporação dos gêneros textuais pelo LD não muda esses gêneros em suas identidades, embora lhe dê outra funcionalidade (MARCUSCHI, 2008, p. 179).

Assim, é possível relacionar gênero com o ensino, pois “Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim um a forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Os postulados de Roger Chartier e Mikhail Bakhtin permitem pensar no esboço de um projeto intelectual apresentado por Vilhena Alves para a educação no Pará, na transição do século XIX para o século XX. Assim, antes de adentrar em sua intenção ao publicar livros de leitura, é necessário entender o contexto histórico.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

SEÇÃO III A LEITURA ESCOLAR NO PARÁ DA 1ª REPÚBLICA (1889-1930)

Saberás dizer-me, Sócrates, se a virtude pode ser ensinada? Ou, no caso de não o ser, se é adquirida pela prática? E não sendo alcançada nem pelo ensino nem pela prática, se se acha naturalmente no homem, e de que modo?¹⁰

O projeto intitulado *Escola Primária no estado do Pará na Primeira República: saberes e práticas (1889-1930)*, coordenado pela Prof.^a Dr. Maria do Perpétuo Socorro G. de Souza de Avelino França, faz parte de uma iniciativa multidisciplinar que objetiva pesquisar, em âmbito nacional, a escola primária. A professora Socorro França se dedica a essa linha de pesquisa e iniciou a empreitada de pesquisar no Pará as práticas e saberes que nortearam a escola primária.

Atendendo ao convite feito por ela à orientadora desta pesquisa, professora Socorro Cardoso, é que se chega ao recorte da leitura como prática da escola primária no Pará da 1ª República (1889-1930), tendo como objeto a obra do professor Vilhena Alves: *Selecta Litteraria*.

A República no Brasil inicia no dia 15 de novembro de 1889. Mas chegou com ares de “velha” novidade, porque a forma de governar pode até ter mudado, mas o pensamento dos governantes continuou o mesmo. No que tange a educação, isso se evidencia na divisão do sistema de ensino herdada do Império que continuou dual: escolas secundárias acadêmicas e escolas superiores, para a classe dominante, e escola primária e escola profissional para o restante da população, mesmo que a maioria não procurasse a escola, pois o ensino não era obrigatório.

Nessa guinada histórica, era também necessária a mudança de pensamento no que concernia à educação, pois foi escolhida como prática social para civilizar uma sociedade atrasada. Assim, era necessário escolarizar a população. No Pará, isso aconteceu no governo de Justo Chermont, em 1890, quando decretou que o ensino primário deveria ser gratuito, obrigatório e laico. Tal iniciativa foi considerada avançada para a época (PARÁ, 1891).

Enunciar os elementos da pesquisa é importante, assim como o lugar de onde se anuncia o discurso, algo que a Nova História apresentou como determinante para a apresentação de um fato. Assim, apresenta-se o estado do Pará, cuja geografia e história têm muito a dizer sobre os discursos produzidos pelos sujeitos nativos e estrangeiros.

¹⁰ PLATÃO. **Crítão, Menão, Hípias Maior e outros**. 2.ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2007, p. 237.

3.1 LENDO O PARÁ¹¹

Dos livros didáticos – os escassos publicados para a disciplina Estudos paraenses – e de enciclopédias – como a escrita por Carlos Rocque –, vêm histórias e características muito peculiares do estado do Pará, que iniciam desde a sua colonização tardia – os portugueses só tomaram posse em 1616. Quando aqui chegaram, trataram de fortificar e povoar – com os seus conterrâneos – o território, além de trazer a fé católica, sob a responsabilidade dos jesuítas e franciscanos, principalmente.

O que veio do além-mar colonizou e fez uma diferença significativa, que marcou, e ainda marca, as relações: o que aqui está é primitivo e o que chega é civilizado, e é o processo de civilização que determina o que deve ser mudado e o que deve ser rejeitado na Belém da *belle époque*. O primeiro ciclo da borracha, ocorrido entre 1870 e 1910, impulsionou a economia da região (MONTEIRO, 2006; SARGES, 2010), que, além de possibilitar a construção de imponentes construções – como o Theatro da Paz e o Mercado Ver-o-peso –, permitiu a urbanização e que um novo modelo de educação se instaurasse.

Neste estudo, para se apresentar os acontecimentos iniciais da colonização, toma-se como base a produção de Benedicto Monteiro¹², *História do Pará*, porque o prefácio da obra chamou a atenção por expressar a mesma inquietação de Vilhena Alves ao produzir o livro *Selecta Litteria*:

Depois de me formar no curso de humanidades no colégio Marista N. S. de Nazaré, em Belém, me questionei e sempre fui questionado sobre a história do Pará. Infelizmente, [...] não sabia nada sobre a nossa história. **Mas sabia tudo sobre a história da França e sobre todos os episódios da Revolução Francesa. E o que é pior, não sabia nem que tinha havido no Pará um movimento e uma revolução denominada Cabanagem.** Mais tarde, [...] esta minha ignorância se tornava maior, pois a revolução da Cabanagem era historiografada, nos raros livros dos arquivos públicos, como uma revolta de negros, mestiços e bandidos (MONTEIRO, 2006, p. 5, destaque nosso).

A história do Pará começa no dia 12 de janeiro de 1616, quando chega neste território Francisco Caldeira Castelo Branco e funda o Forte do Presépio, a fim de resguardar a posse da terra que recebeu a denominação Nossa Senhora de Belém. Somente em 1751 foi criado o Estado do Grão-Pará e Maranhão, sediado em Belém.

¹¹ Alusão à coleção da Secretaria de Estado da Cultura (Secult), que, na década de 1990, começou a reeditar autores paraenses, objetivando resgatar e valorizar a produção literária local.

¹² Benedicto Monteiro (1924-2008), nascido em Alenquer, atuou nas áreas do Direito e do Magistério; também foi poeta, contista e romancista, além de enveredar pela política como deputado estadual, sendo deposto pela ditadura militar. Segundo ele, período em que se dedicou com mais afinco a pensar na história do Pará.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Choques culturais entre portugueses e indígenas foram os mais amplos, os mais complexos e os mais profundos. Os próprios portugueses, quando desembarcavam no solo amazônico, embora fossem na maioria católicos, já traziam uma grande diversidade social do seu meio, pois as suas caravanas ou expedições eram compostas de pessoas das mais diversas categorias (MONTEIRO, 2006, p. 20).

O fator econômico é mote recorrente na análise de Benedicto Monteiro, porque é por meio dele que o estado do Pará se insere no cenário nacional. Devido a sua dimensão territorial e distância geográfica, o Pará ficava afastado do que acontecia no resto do Brasil, tanto que foi o último Estado a aderir à Independência do Brasil, pois sua relação era mais próxima da Europa do que da capital da província, Rio de Janeiro.

A importância econômica adveio do ciclo da borracha, a partir de 1870, que consistia na extração, beneficiamento e exportação da seiva da seringueira. “Foram os braços nordestinos [principalmente os dos cearenses] que incrementaram a produção da borracha, tornando o Pará um Estado importante para a captação de divisas necessárias à economia nacional” (MONTEIRO, 2006, p. 59).

Segundo Sarges (2010), de 1870 a 1910, houve um surto econômico e relações que passaram a definir a história do Pará. Relações estas definidas pelos seringueiros e, mais tarde, por uma elite intelectual – constituída pelos filhos dos seringueiros – que não mais queriam lidar com a burocracia mas com a coisa pública aos moldes europeus, depois que retornaram de seus estudos acadêmicos na França e em Portugal. A autora acrescenta:

A formação dessa nova elite intelectual, posteriormente, além de contribuir para o aumento dos profissionais liberais, concorreu também para a introdução de novos hábitos de vida. Os donos de seringais, na maioria, moravam na cidade, atraídos pelo conforto que esta oferecia, experimentando os prazeres da *Belle Époque*, sem contudo se distanciarem de seus barracões. Os “novos ricos” construíram suas residências inspiradas no *Art Nouveau*, com azulejos de Portugal, colunas de mármore de Carrara e móveis de ebanistas franceses (SARGES, 2010, p. 111, destaques da autora).

Quanto à Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, segundo Monteiro (2006, p. 152), “Se não fosse a imprensa paraense, quase nada teria sido feito [...]. Na realidade, não houve um debate profundo sobre o ideário republicano com outras instituições sociais, mas apenas um breve movimento em torno da mudança do regime”.

3.2 O ESTADO DO PARÁ PRECISA PENSAR A EDUCAÇÃO

O Pará teve sua educação atrelada por muito tempo à atuação de ordens religiosas. Durante o Império, a primeira iniciativa formal, segundo Theodoro Braga, ocorreu em 1734,

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

quando os padres da ordem dos mecedários fundaram “um pequeno hospício, a pedido da Câmara Municipal, para que fossem ensinadas aos filhos dos moradores, além da leitura e da escrita, as quatro operações fundamentais da Aritmética, a Gramática, o Latim, Teologia e Solfa¹³” (PARÁ, 1972, p. 59). Assim o fizeram os carmelitas em Vigia também. Outras iniciativas surgiram, mas priorizavam a educação “dos ricos e fidalgos, a classe dos habitantes desprotegidos da sorte vivia ao abandono. Mas por força da lei de 15 de junho de 1752 é imposta aos missionários a obrigação de ensinar os índios a ler, escrever e falar a língua portuguesa” (PARÁ, 1972, p. 60).

Theodoro Braga considera a aplicação dessa lei o primeiro impulso para o ensino primário de qualidade. A aplicação não foi efetiva, mas, no transcorrer do tempo, diversas escolas foram fundadas em todo Estado. O que ocasionou problemas nesse projeto foi a saída das ordens religiosas. Somente em 1839, a Assembleia Legislativa, em “sua 33ª lei, de 30 de setembro, lança a idéia da criação de uma Escola Normal, autorizando a engajar na corte do Império algum aluno-mestre de Escola ali criada, ou a mandar aplicar-se nela algum paraense que dê provas de capacidade e aplicação” (PARÁ, 1972, p. 62). O autor acrescenta:

Mas, infelizmente, o descuido humano, tão peculiar à nossa raça, deixou que sobre tão benéfica autorização corresse estéreis os anos, até que Machado Portela, autorizado por lei, em 1781, criou uma Escola Normal, destinada para a devida preparação, a todas aquelas pessoas que se destinassem ao magistério primário (PARÁ, 1972, p. 62).

As alterações sociais, aos moldes europeus, advindas pela estreita relação da Província do Pará com a Europa, principalmente França e Portugal, só seriam de fato consolidadas se fosse pensado um projeto de educação para o Pará.

José Ildone Favacho Soeiro, membro da Academia Paraense de Letras, ao apresentar um recorte da história da cidade de Vigia – o Grupo Escolar de Vigia, mais tarde nomeado Grupo Escolar “Barão de Guajará”¹⁴ –, faz também uma análise histórica da Educação no Pará. No 1º capítulo, trata dos aspectos econômicos da época da borracha; afirma que Vigia não participou dela – mas usufruiu de suas benesses, por exemplo, com a construção do

¹³ Segundo o Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, substantivo feminino relativo à “arte de solfejar”, isto é, “ler ou entoar um trecho musical, vocalizando-o ou pronunciando somente o nome de notas [...]”.

¹⁴ Em homenagem a Domingos Antônio Raiol (1830-1913), vigiense que, além do Pará, também foi governador do Ceará, de Alagoas e de São Paulo. Um dos fundadores da Academia Paraense de Letras, cuja obra mais conhecida é *Motins Políticos*, que trata de eventos da Cabanagem.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

grupo escolar –, pois apenas exportava gêneros alimentícios, como peixe e farinha de mandioca.

A partir do 2º capítulo, detém-se na história da educação no Pará, iniciando por quem a geria: os governadores. Foi Francisco Coutinho quem regulamentou o ensino público, em 1800. “Belém ganhou duas escolas primárias e três de humanidades. Cada cidade do interior, uma, elementar: VIGIA, Bragança [...] entre outras, num total de 13” (SOEIRO, 2002, p. 9, destaque do autor).

Quando Paes de Carvalho assumiu o governo, deu a José Veríssimo “o encargo de botar a educação escolar nos eixos. A partir desse momento, o panorama começou a mudar, através de uma grande reforma” (SOEIRO, 2002, p. 9).

José Veríssimo Dias de Mattos (1857-1916), original de Óbidos, foi um crítico literário – sua crítica à obra de Machado de Assis, com quem conviveu e ajudou a fundar a Academia Brasileira de Letras¹⁵, é ainda hoje referência para quem quer conhecer a produção de um dos maiores escritores da literatura brasileira – e intelectual da educação brasileira que viveu na transição do século XIX para o século XX. Pertencia à elite da época e comungava dos seus ideais de transformação social, tornando-se seu porta-voz. Sua obra mais conhecida é *A Educação Nacional* – obra de grande repercussão nacional e que contou com edições nos anos de 1890, 1906 e 1985 – na qual defende a reforma da educação brasileira para que esta promovesse a formação de caráter e desenvolvesse o sentimento patriótico.

Na primeira edição da obra, o autor assevera que o Brasil apresenta uma educação inadequada à formação do cidadão republicano, assim, instiga à transformação por meio de uma educação “para se tornar um fator na obra augusta da grandeza da pátria” (FRANÇA, 2007, p. 172). Na segunda edição, em sua análise contida na introdução, José Veríssimo evidencia algumas insatisfações com as ações do governo republicano, que, assim como no período da monarquia, se resumiam a aspectos burocráticos.

A análise de França (2007) assevera que José Veríssimo não foi um entusiasta da República; apenas a considerava inevitável, mas, de fato, não aconteceriam mudanças significativas, “pois participariam do novo regime político homens com os mesmos costumes públicos, com a mesma educação, ídoles e tendências dos representantes da antiga ordem” (FRANÇA, 2007, p. 173).

¹⁵ Também foi membro da Academia Paraense de Letras, cadeira nº 24.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

De certa forma, segundo José Veríssimo, a República poderia trazer algum sentimento de nacionalidade de que carecia o Brasil. Ou não, porque o povo, de fato, pouco ou em nada participou da mudança ocorrida “do dia para noite”, cabendo-lhe assistir a “tudo bestializado”; essas expressões França (2007) retira da afirmação de Aristides Lobo, e vai além, ao acrescentar que

O francês Louis Couty, ao analisar a situação política do país, chegou a afirmar que, no Brasil, não havia povo. Se é possível supor que Aristides Lobo posicionou-se motivado por distorções elitistas e Louis Couty por etnocentrismo francês, é inegável que ambos estavam sintonizados com as mudanças sociais e políticas em curso no país. A realidade que lhes servira de referência estava clamando por uma definição de nossa vida política, ou seja, na prática da cidadania entre nós (CARVALHO, 1987, p. 9-10 apud FRANÇA, 2007, p. 174).

O intelectual paraense mostra na sua produção estar afinado com os discursos científicos em voga na época. Isso se evidencia quando menciona o evolucionismo social, irreversível a partir das experiências de concepções “civilizatórias” vivenciadas pelo mundo e que o Brasil precisava vivenciar, ainda mais com a “novidade” da República. Essa evolução precisava ir além dos laços naturais – como território, língua e tradições – que ligavam a nação brasileira; precisava de um sentimento de nacionalidade constituído por meio da educação, que regeneraria o povo (FRANÇA, 2007).

A educação pensada por José Veríssimo trataria de reformar o sistema educacional, que à sua época era apenas um aglomerado de matéria que não visava o patriotismo. A leitura de bons livros viria ao encontro desta intenção. O autor afirma que não deveriam ser apenas livros de lições descontextualizadas da vida dos estudante, mas sim

Que o livro de leitura com páginas de nossos poetas e prosadores e páginas sobre assuntos brasileiros, nos translate, originais ou traduzidos, narrativas dos grandes viajantes que percorreram o nosso país [...]. Os mesmos velhos cronistas, os Vicentes do Salvador, como os Anchietas e os Nobregas, os Jaboatões, os Vasconcelos ou os José de Moraes, com um pequeno trabalho de lhes modernize a linguagem, quantas páginas tão perfumadas do sabor da pátria antiga que não davam, juntamente com o ensino dos primórdios da nossa vida! (VERÍSSIMO, 1906, p. 6-8 apud FRANÇA, 2007, p. 177-178).

A nova proposta educacional interligava escola, família e sociedade, visando delinear um caráter para o povo brasileiro, que desde o início, quando da colonização, foi comprometido. Tal afirmação advém da maneira como Veríssimo opera conceitos como raça, influência do meio, da história e da cultura, que corroboravam a superioridade da raça branca sobre as demais, consideradas inferiores.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Ao comparar o Brasil com os Estados Unidos, Veríssimo atesta que este tem um sentimento de superioridade nacional, o que também resulta em uma prosperidade material. O povo brasileiro até é “bom, honesto, simples, generoso e saudável, mas destituído de energia moral, o que tornava negativas as suas boas qualidades” (FRANÇA, 2007, p. 182).

Isso se explica pela origem histórica e as influências do meio. Segundo o intelectual, no Brasil, as raças que se cruzaram, geraram o povo brasileiro e o condicionaram. Foram os índios, os negros e os portugueses desgredados da coroa portuguesa; somado a isso, a colonização e a educação jesuítica formaram um povo submisso. O meio, com uma geografia exuberante e natureza profícua, fez com que o povo fosse coletor e não produtor.

Diante de tal cenário, seria necessário mudar o caráter pela educação, pois a que estava sendo praticada, não era adequada. A educação pública, tão querida e fruto da luta de muitos, carecia de uma revitalização urgente.

3.3 OS AUTORES DOS LIVROS DE LEITURA

3.3.1 *Panorama nacional*

O campo da leitura é onde muitos andam – teóricos, educadores, literatos, historiadores –, mas poucos de fato estabelecem uma seara:

de um lado parece regressiva ao querer recuperar um terreno que, há várias décadas, deveria ter sido contemplado com maior atenção e cuidado; de outro, todavia, ela soa progressista, porque é engajada aos esforços da direção de emancipação nacional e da ruptura com os laços de dependência que, se é econômica, mostra-se também cultural [...] (ZILBERMAN, 2012, p. VIII).

A ideia apresentada por Regina Zilberman evidencia muito bem a realidade de Belém no início do século XX, período de mudanças econômicas significativas, que por sua vez alteraram os bens culturais. A circulação de materiais impressos foi uma dessas alterações, sob influência da

pedagogia do século XVII, pois facultava a propagação dos ideais iluministas que a burguesia ascendente desejava impor à sociedade, esta dominada ainda pela ideologia aristocrática herdada dos séculos anteriores. Valorizando o livro como instrumento de cultura e usando-o como arma contra a nobreza feudal que justificava seus privilégios invocando a tradição que os consagrava, os pensadores iluministas procuravam solapar uma ordem de conceitos até então vista como inquestionável (ZILBERMAN, 2012, p. 17).

Além do “instrumento”, também foi definido o lugar: a escola é a instituição responsável por repassar os ideais desse novo momento histórico; é onde a prática de leitura

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

acontece de fato, pois é lá que textos são escolhidos com um propósito específico, mormente a assimilação de valores. Ainda segundo Zilberman (2012, p. 24-25),

É no século XIX [...] que a escolarização se torna obrigatória. Até então, os membros da elite não deixavam de receber a educação que os preparava para exercer condignamente seu lugar na sociedade; mas não era forçados a se sujeitar às normas de uma instrução exterior ao universo familiar e de estrutura própria. As crianças originárias das camadas populares, por sua vez, foram igualmente acolhidas pelo sistema escolar, se bem que nem sempre lhes era oferecido ensino de qualidade equivalente. Em ambas as situações, a “ciência das letras” coloca-se na base da aprendizagem; e a leitura [...] é – ou deve ser – um dos primeiros resultados do encontro entre professor e alunos (destaque da autora).

No Brasil, há diversos estudos sobre os livros de leitura e suas denominações. Esta pesquisa considera a análise de Batista e Galvão (2009), cuja pesquisa, vinculada ao CNPq, apresenta a produção e a utilização dos livros escolares brasileiros nos fins do século XIX e início do século XX. Os autores justificam esse recorte temporal ao afirmar que

A segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, no Brasil, podem ser caracterizadas como um período de progressiva institucionalização da escola como principal espaço social de educação. Nesse processo, que se deu a partir de transformações que não obedecem a um contínuo e a uma temporalidade linear e homogênea, destacam-se, sobretudo no século XIX, a frequência e a intensidade dos discursos, em várias esferas, sobre a necessidade de escolarização da população [...] (BATISTA; GALVÃO, 2009, p. 75).

Segundo os autores, até meados do século XIX, não havia livros de leitura, apenas documentos oficiais, que serviam como modelo para a prática da leitura e da escrita no ensino elementar. A partir das necessidades histórico-discursivas, apontadas no excerto anterior, os pesquisadores apresentam dois tipos de livros escolares de leitura: as séries graduadas e os livros isolados.

Os primeiros se caracterizam como coleções de livros destinados, em geral, a quatro grandes classes, ou, posteriormente, séries do ensino elementar, podendo incluir um quinto, voltado para a alfabetização ou outra série. Apresentam, por essa razão, uma progressão [...]. De modo mais claro que os livros isolados, assumem, como já se observou, as funções e as características de uma manual: tendem a apresentar uma clara destinação à escola e ao trabalho com a leitura [...]. Os livros isolados são aqueles que menos claramente apresentam suas funções escolares (BATISTA; GALVÃO, 2009, p. 85-86).

Vilhena Alves publicou tanto livros para séries graduadas, quanto livros isolados. Mas sua produção torna-se mais ampla quando considerada a sua profícua experiência jornalística e literária.

Nesse sentido, é válida a categorização de Batista e Galvão (2009) sobre os modelos de livros de leitura. A partir do levantamento que fizeram, perceberam certa “estabilidade” e apresentaram seis (06) modelos, a saber:

a) modelo religioso: deixou de ser usado muito cedo, a partir do forte movimento laico nas escolas durante a 1ª República. Considerando o trabalho de Duarte (2009), é possível considerar que este modelo, além de extenso, foi significativo na formação escolar dos estudantes paraenses, principalmente pela profícua produção das autoridades religiosas locais, como Dom Macedo Costa e Dom Romualdo Coelho.

b) modelo de leitura manuscrita: também conhecido como paleógrafo, são os textos que apresentam diversos tipos de caligrafia a ser copiado como padrão, bem como modelos de documentos oficiais. “Parecem, por isso, conjugar duas principais funções: oferecer textos para a cópia e possibilitar a leitura corrente de textos manuscritos, em distintas letras” (BATISTA; GALVÃO, 2009, p. 93).

c) modelo instrutivo (ou enciclopédico): voltado para a série graduada, por isso apresenta conteúdo pedagógico.

d) modelo formativo: “organizado em torno da busca de transmissão não de conteúdos enciclopédicos, mas, fundamentalmente, de valores” (BATISTA; GALVÃO, 2009, p. 94).

e) modelo retórico-literário: livros organizados a fim de despertar o gosto pela leitura e posterior prática de escrita, tomando como referência textos consagrados. Daí a profusão de livros publicados no período denominados de *seletas*. “Atenta a não sobrecarregar o alunos de informações, a não causar tédio e a incutir valores, a obra se aproxima, portanto, do modelo formativo. Termina, entretanto, por se diferenciar desse modelo por organizar a coletânea com base em critérios de natureza literária e retórica” (BATISTA; GALVÃO, 2009, p. 96).

f) modelo autônomo: livros que são publicados a partir da segunda metade do século XX e que diferenciam dos demais pelo aspecto gráfico e de pelo conteúdo, pois não se trata apenas da leitura, mas da interpretação do texto, da ampliação do vocabulário e análise gramatical.

Para esta pesquisa, o modelo retórico-literário será considerado, seja por apresentar características de outro modelo – o formativo –, seja por apresentar aspectos a serem ainda estudados, como o discurso que permeia sua seleção e publicação do ponto de vista autoral.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

O que conduz à questão preponderante desta pesquisa: o modelo de leitura proposto pelo professor Vilhena Alves.

Os estudos atestam a influência da cultura francesa (BATISTA; GALVÃO, 2009) e do modelo educacional norte-americano (FRANÇA, 2007), este último considerado referência para José Veríssimo, que apontará a importância de se adotar um modelo “válido”, mas sem esquecer o “tom” nacionalista. Por *modelo*, devem ser consideradas as práticas de ensino, principalmente – para o que está sendo tratado aqui – no que concerne à leitura dos livros, que era feita em voz alta, visando a fluência e também “uma adequada expressão oral do texto, para a qual favoreciam uma apropriada compreensão do texto e uma correta apreensão do ‘sentimento’ que o autor quis exprimir”, por isso, a leitura era feita em etapas, que compreendiam

a preparação do texto a ser lido; a leitura expressiva pelo professor; “a catequização” dos alunos pelo docente, de modo a fazê-los perceber ideias principais, relações entre elas, o gênero da composição e o “acento” que nela predomina; nova leitura expressiva pelo professor e, enfim, a leitura oral pelos alunos (BATISTA; GALVÃO, 2009, p. 100, destaques dos autores).

Destarte, adentra-se no suporte a ser analisado nesta pesquisa: o livro de leitura. Nesta análise, entende-se que esse suporte é um livro tal como foi conceituado por Marcuschi (2008) – *vide* item 2.3.2, neste trabalho –, assim, também é um livro didático.

Inicialmente, uma conceituação desse suporte não é um desafio, pois é

um livro que faz parte do nosso cotidiano: é adquirido, em geral, no início do ano, em livrarias e papelarias [...]; que vai sendo utilizado à medida que avança o ano escolar [...]. Seria, afinal, aquele *livro* ou *impresso empregado* pela *escola*, para o desenvolvimento de um *processo de ensino ou formação* (BATISTA; GALVÃO, 2009, p. 41, destaques dos autores).

Todavia, os autores consideram que esse conceito é precipitado, pois encobre possibilidades de análise de outros gêneros ou impressos que circulam na esfera educacional, principalmente a partir do desenvolvimento da imprensa escolar, quando surgiram cartilhas e manuais com folhas descartáveis.¹⁶

Trazer à baila o livro didático, ontem e hoje, ocasiona argumentações de toda ordem, principalmente quanto à prática docente, que, segundo os críticos desse manuais, torna-se fragmentada, dissociada da realidade. No caso do suporte e de seu autor – Vilhena Alves e

¹⁶ Batista (2009) desenvolve o cuidado com a conceituação dos livros didáticos, baseando-se no desenvolvimento dos materiais voltados para o ambiente escolar. Porém, para esta análise, não interessa a perspectiva diacrônica, e sim a sincrônica.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

seu livro de leitura – esse pormenor não se apresenta como problemática, visto que o autor é aclamado como um professor que pensa e se preocupa com o ensino. É com essa motivação que foi publicada, em 1900, a segunda edição da *Selecta Litteraria*^{17 18}.

Nesse sentido, é necessária a análise do livro de leitura como instrumento, que apresenta uma função social. Acerca disso, Duarte (2015), mencionando os estudos de Alain Choppin, pesquisador da história do livro, afirma que

as obras escolares possuem quatro funções essenciais, que podem sofrer variações conforme o ambiente sociocultural, a época, as disciplinas, os níveis de ensino, os métodos e as formas de utilização. São elas: a) função referencial; b) função instrumental; c) função ideológica e cultural e d) função documental (DUARTE, 2015, p. 26).

A função referencial apresenta a sistematização de um programa de ensino; a instrumental, quando há uma metodologia pensada para um fim, por exemplo, a resolução de uma problemática. Para esta pesquisa, interessam as funções ideológica e cultural e a documental: a primeira “constitui, segundo o teórico [Choppin], a mais antiga, posto que, revela a importância do livro didático para a disseminação da cultura, da língua e dos valores das classes dominantes” (DUARTE, 2018, p. 35); já a segunda, pode ser constituída por diversos documentos, cuja análise pode resultar no desenvolvimento crítico do pensamento.

Evidentemente, não se pode considerar essas funções como fôrmas, afinal, é possível perceber que o suporte analisado nesta pesquisa pode ser verificado a partir das funções referencial – porque compõe um programa de ensino – e instrumental – uma metodologia subjaz à produção e conseqüente distribuição nas escolas.

Desde o início dessa formação, o livro de leitura fez parte, segundo Zilberman (2012), da formação dos estudantes brasileiros, cuja finalidade era, além de ensinar os conteúdos, ensinar também a retórica; havia também os livros que serviam de modelo, tanto para a caligrafia, como para a produção de textos oficiais.

¹⁷ Livro disponíveis no *site* da Fundação Cultural do Pará: <http://www.fcp.pa.gov.br/>

¹⁸ Na Biblioteca Pública Arthur Viana, há a 2ª edição impressa dessa obra; no *site* da Fundação Cultural do Pará, a mesma edição está disponível virtualmente. Nos livros de Soeiro (2002) e Moreira (1979) consta a folha de rosto da 1ª edição, também datada de 1900, mas não encontramos explicação para o fato de a mesma obra ser publicada no mesmo ano em edições diferentes.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

3.3.2 Os autores de livros de leitura no Pará

A iniciativa mais bem-sucedida de pesquisar os livros didáticos no Pará é creditada a Eidorfe Moreira¹⁹ e Theodoro Braga²⁰. Ambos foram mencionados por Duarte (2015) em sua tese de doutorado, pois suas pesquisas resultaram em uma relação extensa de livros escolares de leitura.

Theodoro Braga afirma em seu artigo *Evolução dos livros didáticos e literatura pedagógica do Pará, seus autores e importância de seus autores* que

Volumosa é a bagagem literária que tem servido à mocidade paraense para sua educação e instrução elementar, servindo muitas das obras publicadas para seus estudos superiores. É o Pará um dos Estados da União Brasileira que mais tem produzido em livros didáticos para a infância, no porfiado empenho de lhe facilitar e aperfeiçoar o ensino, tornando-o ao mesmo tempo proveitoso (PARÁ, 1972, p. 94).

O autor ainda frisa que todas ou quase todas as obras foram aprovadas pelo Conselho Superior da Instrução do Estado, o que permitiu a adoção no ensino público. Tal situação foi benéfica para que o Estado conseguisse diminuir o índice de analfabetismo. Daí a importância de publicações no campo da leitura, da higiene, da gramática etc. Dentre os livros fornecidos a Theodoro Braga pelo sr. coronel Raimundo Ciríaco Alves da Cunha, constam muitas produções do professor Vilhena Alves.

Eidorfe Moreira deixa claro no prefácio de sua obra *O livro didático paraense: breve notícia histórica* que a produção tem um caráter introdutório, é, na verdade, “um trabalho informativo”. Inicia apresentando o cenário editorial de Belém que era precário; somente a partir da Independência, houve mudanças: a principal foi deixar de usar livros estrangeiros para o ensino nas escolas paraenses, principalmente para o ensino de leitura e gramática.²¹ Sobre os livros de leitura, ele afirma o seguinte:

Muito honrosa, sob todos os títulos, é a posição que os livros de leitura ocupam na bibliografia didática do nosso Estado, sobre tudo no que respeita a tiragens ou reedições. Como as gramáticas, eles são os que mais se destacam nesse particular, chegando a surpreender mesmo o volume de vendas que alguns alcançaram, em

¹⁹ Eidorfe Moreira (1912-1989), paraibano, veio para Belém aos dois anos com a família. Formado em Direito, seguiu carreira no magistério como professor de Economia Política e depois Geografia. Sua produção intelectual é vasta por ter tratado de diversos assuntos relacionados à história do Pará, desde a colonização até os tempos atuais.

²⁰ Theodoro Braga (1872-1953) nasceu em Belém. Formado em Direito, foi também pintor, decorador, professor, caricaturista, historiador e crítico de arte.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

face das limitadas condições do Mercado livreiro no Pará (MOREIRA, 1979, p. 21).

Como fez Theodoro Braga, Eidorfe Moreira também menciona Vilhena Alves e a obra analisada neste trabalho:

No alvorecer do século apareceu a excelente *Seleto Literária*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves, então o mais renomado dos nossos gramáticos. Além de dois livros de poesia, já havia publicado anteriormente cinco outros de natureza escolar, ligados à sua especialidade. Editada em 1900, por R. L. Bittencourt, a *Seleto* representa o fecho de suas atividades didáticas no plano bibliográfico. É uma notável contribuição nesse setor de ensino, como se verifica pelo critério adotado na elaboração da obra, constituída exclusivamente com trechos de autores nacionais, não por prevenção contra os clássicos portugueses, mas por uma questão de conveniência didática, como esclarece o autor no prefácio da referida obra (MOREIRA, 1979, p. 25, destaques do autor).

O autor também credita a Vilhena Alves a proficuidade na produção de gramáticas da língua portuguesa. Preocupado com o ensino, ele publicou dois livros de exercício: *Compêndio de Análise Moderna e Exercícios de Português*. O que gera o seguinte comentário:

A nosso ver, *Compêndio de Análise Moderna* é a melhor das obras didáticas de Vilhena Alves, de cuja visão metodológica temos a prova no prefácio dessa obra. É notável além disso o senso prático do autor, como se verifica pelos assuntos que ele sugere para efeito do desenvolvimento. Das 9 classes de sugestões que apresenta como tema para descrições, 4 se referem à cidade de Belém” (MOREIRA, 1979, p. 33-34).

À bem-sucedida vida intelectual de Vilhena Alves, seguem outras tão impressionantes quanto. Todavia, sua contribuição ficou marcada na história da educação no Pará, durante a 1ª República.

3.3.3 Francisco Ferreira de Vilhena Alves

Em uma perspectiva discursiva – como a que é uma das intenções desta análise – é possível perceber a relação ideológica e social da produção intelectual de Vilhena Alves, por isso, há também que se considerar o lugar do qual fala o autor e o ideais que o mesmo defende, assim, Francisco Ferreira de Vilhena Alves, nascido na cidade de Vigia de Nazaré, em 1848, e que morreu em Belém, em 09 de julho de 1912, “Lecionou naquela cidade e nas vilas de Porto Salvo e São Caetano de Odivela” (ILDONE; MEIRA; CASTRO, 1995, p. 11); atuou como professor de turmas masculinas da primeira escola pública do 2º Distrito da

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

capital, foi poeta e membro da Academia Paraense de Letras²² – cadeira nº 39 – e do Instituto Histórico Geográfico do Pará. Também foi colaborador das revistas *Educação e Ensino* (de 1890 a 1898) e *A Escola* (de 1900 a 1906), escrevendo sobre educação. O que fazia desde os tempos em que morava em Vigia, quando já publicava no jornal *Liberal da Vigia* (de 1884 a 1894).

No período de produção intelectual de Vilhena Alves, a profusão cultural advinda da *belle époque* promoveu

a organização de grupos para a formação e o aparecimento de instituições como clubes, bibliotecas e sociedades. [...] dentre essas instituições, algumas, como as bibliotecas, por exemplo, “ampliaram o horizonte de expectativas e de maneira inequívoca contribuíram para novas experiências estéticas e cognitivas de seus frequentadores, reforçando ainda o projeto de uma prática sociocultural” (SCHAPOCHNIK, 1999 apud ARAÚJO, 2011, p. 31).

Vilhena Alves participou da criação de uma sociedade: espécie de grupo que se tornou muito popular nesse período; apresentava finalidades diversas, de encontros literários a religiosos. A que o professor ajudou a criar estava sediada em sua cidade natal, Vigia, e ajudou a inseri-la na produção literária regional.

A Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto²³

surgiu como tantas outras no país, que por meio de atividades políticas, religiosas, educacionais e culturais, buscavam meio de expressão. Fundada em 01 (*sic*) de outubro de 1871 e instalada em 05 de julho de 1872, foi idealizada por alguns escritores, jornalistas e políticos locais como ponto de encontro de uma classe intelectual e de adequação aos moldes do que era apresentado como “civilidade”. Para tanto, era necessário que um trabalho com propósitos de promover ações de cunho educacional, cultural e humanitário fosse realizado (ARAÚJO, 2011, p. 37, destaque da autora).

O escritor vigiense teve uma produção extensa nos jornais *Liberal da Vigia*, *O Espelho*, *O Cinco de Agosto* (Imagem 1) e *O Orvalho*, este voltado para divulgação de notícias ligadas à Igreja Católica em Vigia. No *Liberal* escreveu muito sobre educação, tanto

²² Vilhena Alves, José Veríssimo, Serzedelo Corrêa, entre outros, foram os fundadores do movimento “Mina Literária”, que antecedeu a criação da Academia Paraense de Letras, em 3 de maio de 1900, por Paes de Carvalho (cf. MEIRA; ILDONE; CASTRO, 1990).

²³ A motivação da criação e do nome da sociedade é religiosa: Vigia foi o primeiro município paraense a realizar a festa religiosa pela qual o estado do Pará é reconhecido mundialmente, o Círio de N. Sra. de Nazaré, em Belém, celebrado sempre no 2º domingo do mês de outubro; mas a primeira festa alusiva à devoção à Nossa Senhora, no Pará, foi celebrada em Vigia, no século XVII, no dia 05 de agosto (cf. ARAÚJO, 2011).

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.**

que muitos artigos publicados no jornal foram selecionados pelo editor para comporem o livro *Miscellanea Litteraria*²⁴.

Imagem 1 – Jornal *O Cinco de Agosto*, nº 1



Fonte: Soeiro, 2002, s/p.

De acordo com Ildone, Meira e Castro (1995, p. 11),

Dedicação e talento consagraram-no como autodidata. [...] Aproveitando o sossego interiorano e as obras da biblioteca da Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto, fundada em 1871, aprofundou-se nos estudos da Língua Portuguesa e da Astronomia. Os artigos que publicou nos jornais de Belém denunciaram-lhe a erudição. Por isso, o bispo dom Antônio de Macedo Costa instou que deixasse a Vigia e se mudasse para a capital (ILDONE; MEIRA; CASTRO, 1995, p. 11).

Acerca dos periódicos que foram publicados pela Sociedade, Soeiro (2002, p. 13) menciona que, em 1º de setembro de 1878, foi divulgado o primeiro número de *O Espelho* (Imagem 2), “periódico literário, crítico e noticioso. Tinha por lema a epígrafe: ‘TREMEL, Ó CORRUPTOS DA ÉPOCA’, depois mudado para: ‘AMOR AMORE COMPENSATUR’ (O amor com amor se paga)”. “[...] martelou, ainda, os políticos do Partido Conservador (que não apoiavam mudanças) e os pasqueneiros, bem ativos, nessa época”.

²⁴ Livro disponíveis no *site* da Fundação Cultural do Pará: <http://www.fcp.pa.gov.br/>

Imagem 2 – Jornal *O Espelho*, nº 2



Fonte: Soeiro, 2002, s/p.

A Sociedade 5 de Agosto é denominada *Externato* em uma publicação:

Os alunos dos Externato “5 de Agosto” quiseram correr, por isso... cansaram. A princípio frequentaram regularmente esse estabelecimento de instrução, porém atualmente... É que só se fala em instrução, em inteligência e talento quando se está em certas reuniões sociais, em bailes, teatros, etc. Existem tantos jovens nesta cidade que podiam receber a instrução, mas julgam-se alguns já suficientemente instruídos, não passando apenas de *parladores*, porque se muito conversam, pouco ou nada escrevem. (...) Hoje não há razão de dizer-se que não temos recursos, porque a instrução se distribui gratuitamente por ilustres professores. (...) Acordai, mocidade, acordai! (...) Avante, pois! Ao Externato! À “5 de Agosto”! à intrução” (SOEIRO, 2002, p. 14, destaque do autor).

Em outras publicações, aparece o nome do professor Vilhena Alves como examinador nos Exames das escolas públicas. Seu nome também era recorrente no periódico *Lusco-fusco*, publicado de 1923 a 1924. Nele consta, em notícia publicada no dia 15 de setembro de 1923, recordando que Vilhena Alves foi “autor de diversas obras instrutivas e lente de português, francês, Geografia e algebra na Escola Normal” (SOEIRO, 2002, p. 27).

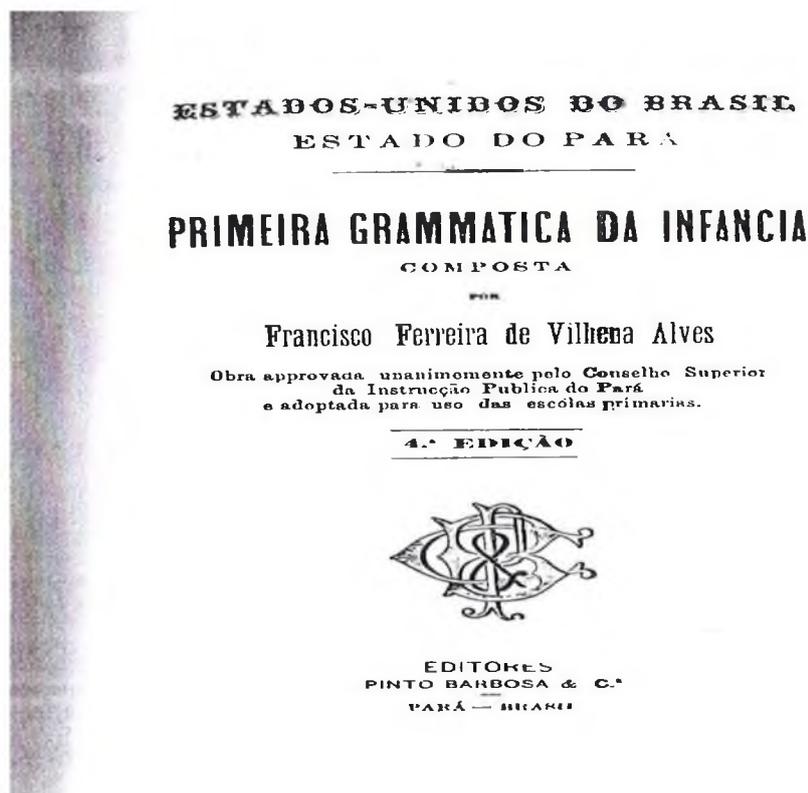
BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Durante sua vida, escreveu livros escolares para diferentes níveis de ensino²⁵, elencados a seguir em ordem cronológica de publicação:

- a) *Compêndio de Análise Moderna, Lexicologia e Sintática* (1895). Editado por J. B. dos Santos e impresso na Tipografia do Diário Oficial.
- b) *Gramática Portuguesa* (1885). Destinada ao nível primário superior e editada por Pinto Barbosa & Cia.
- c) *Primeira Gramática da Infância* (1896). Destinada ao curso primário elementar e editada por Pinto Barbosa & Cia.
- d) *Segunda Gramática da Infância* (1897, 2ª edição). Destinada ao ensino primário médio e editada por Pinto Barbosa & Cia.
- e) *Miscellanea Litteraria* (1900). Editado por R. L. Bittencourt.
- f) *Selecta Litteraria* (1900, 2ª edição). Editado por R. L. Bittencourt.

Eidorfe Moreira apresentou algumas folhas de rosto de livros publicados por Vilhena Alves:

Imagem 3 – Folha de rosto da 4ª edição da *Primeira Grammatica da Infância*

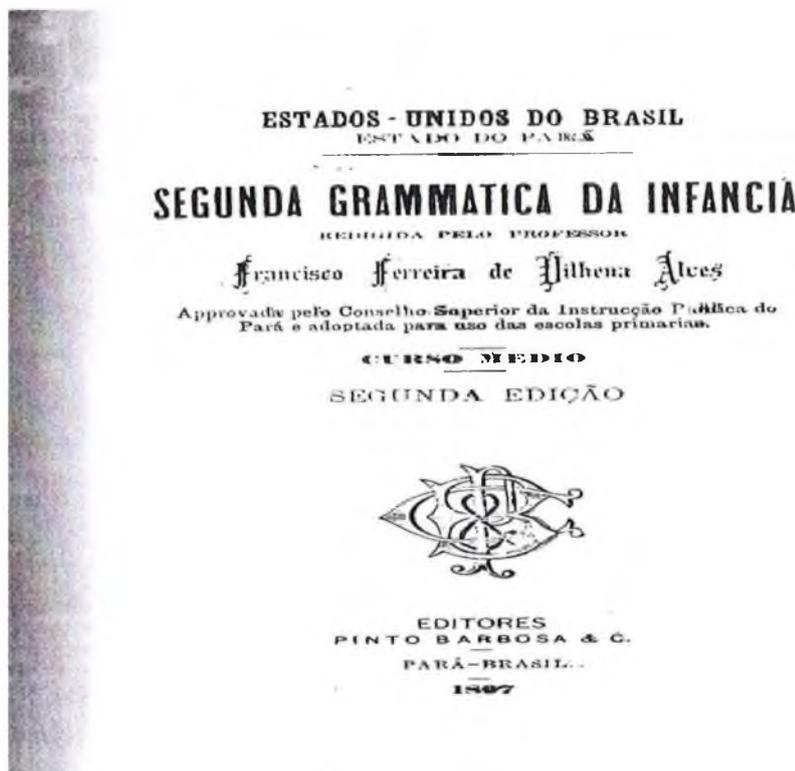


Fonte: Moreira, 1979, p. 85.

²⁵ Cf. informação no artigo por Maricilde Oliveira Coelho, publicado nos anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado em maio de 2013 em Cuiabá/Mato Grosso.

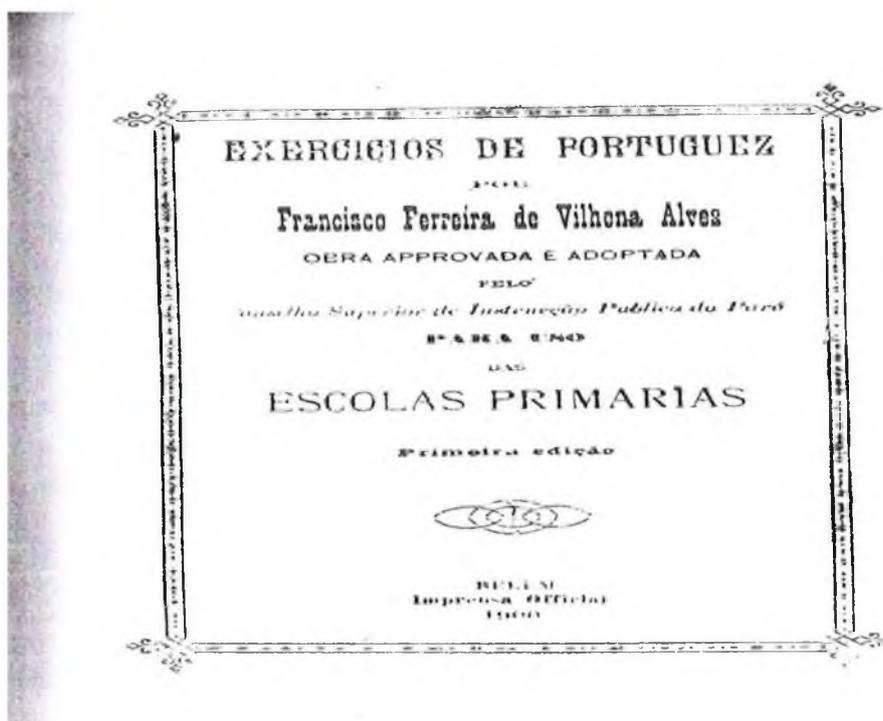
BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.**

Imagem 4 – Folha de rosto da 2ª edição da *Segunda Grammatica da Infância*



Fonte: Moreira, 1979, p. 85.

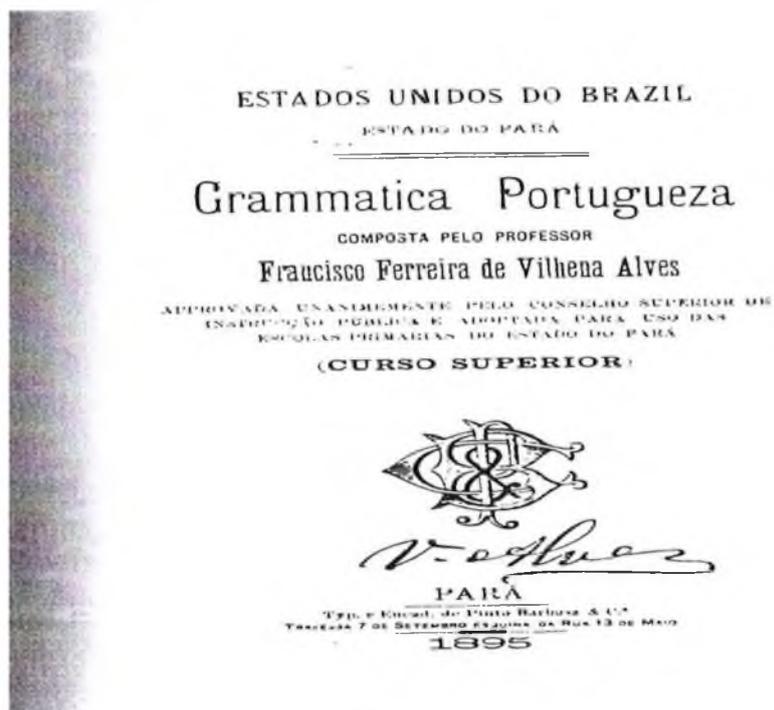
Imagem 5 – Folha de rosto da 1ª edição dos *Exercícios de Portuguez*



Fonte: Moreira, 1979, p. 89.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional:** análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Imagem 6 – Folha de rosto da *Grammatica Portugueza*



Fonte: Moreira, 1979, p. 91.

SEÇÃO IV DO IMPRESSO AO DISCURSO

Não choro por nada que a vida traga ou leve. Há porém páginas de prosa que me têm feito chorar. Lembro-me, como do que estou vendo, da noite em que, ainda criança, li pela primeira vez numa selecta o passo célebre de Vieira sobre o rei Salomão. “Fabricou Salomão um palácio...” E fui lendo, até ao fim, trémulo, confuso: depois rompi em lágrimas, felizes, como nenhuma felicidade real me fará chorar, como nenhuma tristeza da vida me fará imitar. Aquele movimento hierático da nossa clara língua majestosa, aquele exprimir das ideias nas palavras inevitáveis, correr de água porque há declive, aquele assombro vocálico em que os sons são cores ideais – tudo isso me toldou de instinto como uma grande emoção política. E, disse, chorei: hoje, lembrando, ainda choro. Não é – não – a saudade da infância de que não tenho saudades: é a saudade da emoção daquele momento, a mágoa de não poder já ler pela primeira vez aquela grande certeza sinfônica.²⁶

As palavras de Bernardo Soares, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, evocam experiências leitoras; e ele tem certa autoridade, porque seu ofício era o de ajudante de guardar livros, em Lisboa. Ele, como tantos estudantes, passou pela experiência de ler “pela primeira vez numa selecta” um grande nome da literatura.

Tratar da leitura e da seleção dos textos, da materialidade do livro e dos discursos implícitos nas obras é tarefa delicada e ao mesmo tempo necessária, pois, ao tentar compreender os discursos veiculados na 1ª República no Pará, espera-se compreender os processos constitutivos das ideologias.

4.1 LIVROS DIDÁTICOS E IDEOLOGIA

A profícua produção de impressos e sua reconhecida presença na educação, durante a 1ª República, evidenciam o momento histórico brasileiro, cujo reflexo era significativo em Belém do Pará, província que mais tardiamente rompeu seus laços com Portugal. Tal proximidade se explica pela “facilidade” de acesso à Europa – Portugal e França, mais especificamente – muito maior do que à capital do Império, Rio de Janeiro.

Fazer de Belém a *Paris n'América* não foi difícil com o *boom* da borracha e trocas culturais com a Europa. Havia um quê de ineditismo muito próprio de Belém, que em nada devia à capital, prova disso é que aqui chegou o primeiro cinema.

Assim, é compreensível a influência das culturas europeia e americana e o fato de a intelectualidade paraense tomá-las como referência para a produção literária e à educação, o que se percebe no padrão estético adotado na *Selecta Litteraria*, cujos textos apresentam temáticas desenvolvidas pelas análises de José Veríssimo, a quem a educação seria a via

²⁶ Disponível em: <http://multipessoa.net/labirinto/bernardo-soares/19>

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

para a transformação da sociedade paraense, que vivia o desenvolvimento econômico e cultural, mas não tinha comportamento ético e moral para vivenciá-lo; caberia à educação resolver essa “falta de caráter”.

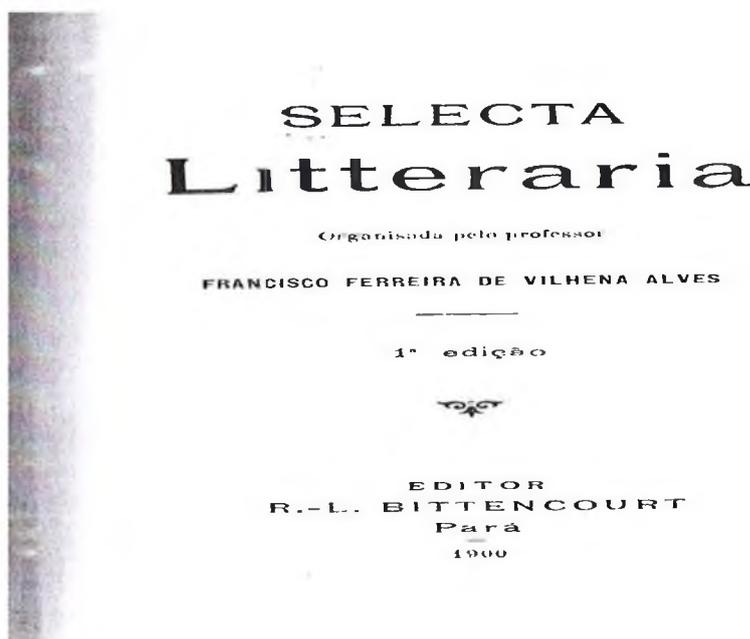
O pensamento de José Veríssimo e Vilhena Alves coadunam-se, e é a partir dessa concepção que Vilhena Alves apresenta sua contribuição para a educação da escola primária no Pará.

4.2 *SELECTA LITTERARIA*

O livro *Selecta Litteraria* é um livro de leitura organizado com trechos de autores brasileiros, incluindo autores paraenses, o que evidencia sua preferência pela letra nacional. Vilhena Alves reconhece o valor da produção portuguesa, mas incentiva a leitura de autores brasileiros para a primeira experiência literária dos estudantes. A intenção da seleção dos textos era romper com o que se tinha nos livros de leitura da época: textos de autores estrangeiros e que apresentavam outras realidades.

Os elementos pré-textuais da obra apresentam também a formalidade necessária para a publicação de um livro na transição do século XIX para o século XX. As imagens 7 e 8 apresentam folhas de rosto de duas edições da obra.

Imagem 7 – Folha de rosto da 1ª edição do livro *Selecta Litteraria*



Fonte: Moreira, 1979, p. 93.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.**

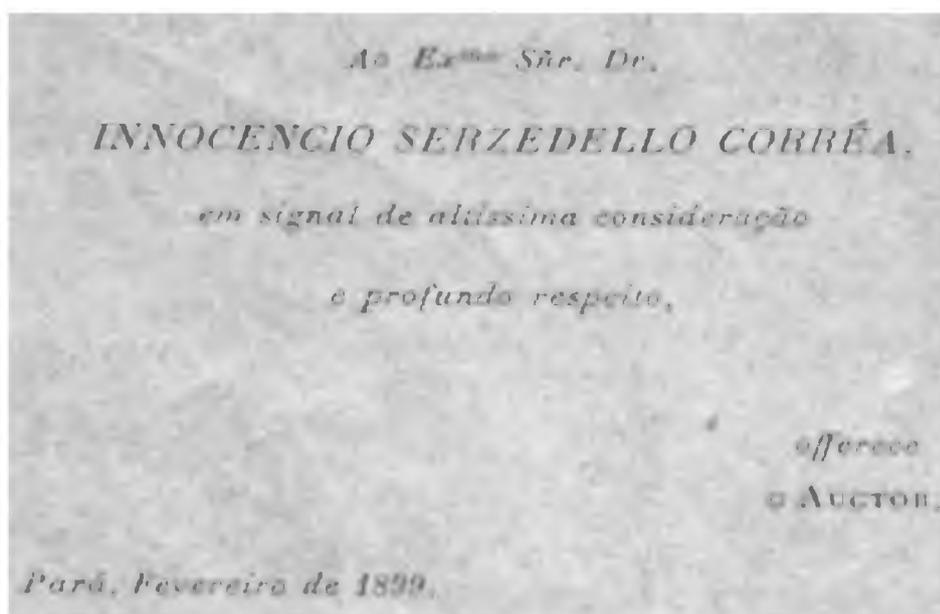
Imagem 8 – Folha de rosto da 2ª edição do livro *Selecta Litteraria*



Fonte: <http://www.fcp.pa.gov.br/2016-11-24-18-22-47/selecta-litteraria>

A obra foi dedicada a Innocencio Serzedello Corrêa, “em signal de altíssima consideração e profundo respeito”.

Imagem 9 – Dedicatória que consta na 2ª edição do livro *Selecta Litteraria*



Fonte: <http://www.fcp.pa.gov.br/2016-11-24-18-22-47/selecta-litteraria>

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

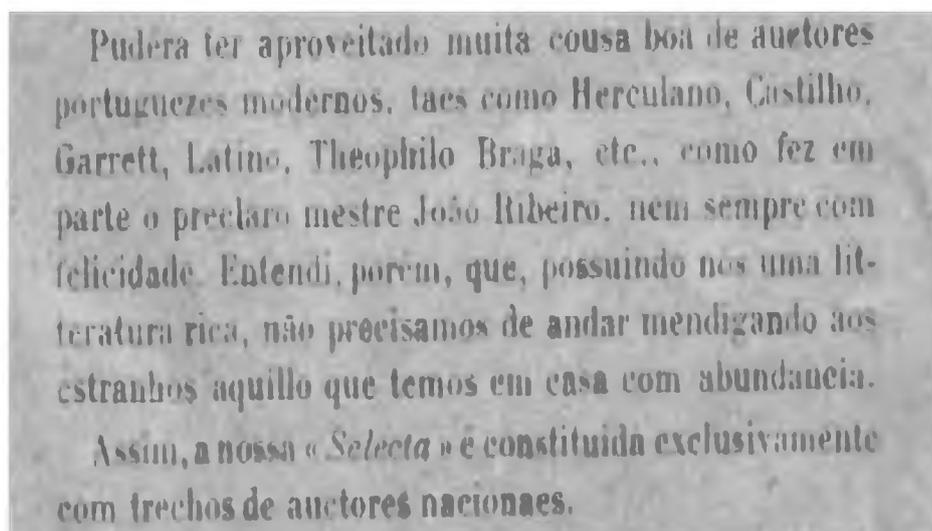
A Secretaria Geral da Instrução Pública do Estado do Pará expediu documento, autorizando a adoção do *Selecta Litteraria* nas escolas complementares. Em seguida, consta o parecer, que motivou a expedição do documento da secretaria e o regulamento geral do ensino primário – *vide* nos anexos, ao fim deste trabalho.

O parecer da Secretaria Geral da Instrução Pública do Estado do Pará afirma que as teorias gramaticais não são inovadoras quando ainda se confundem com as antigas. Nesse sentido, valorizam a obra *Exercícios de analyse* e entendem a *Selecta Litteraria* como um complemento dele, também escrito por Vilhena Alves, não só para os exercícios de escrita, mas também para a leitura explícita e comentada, além de ser considerado o melhor por valorizar a produção nacional.

O prefácio, escrito pelo próprio autor, apresenta primeiro o que as outras seletas literárias trazem: textos de autores portugueses que não ajudam os estudantes a formar e desenvolver o gosto pela leitura, principalmente a partir da literatura que eduque para o patriotismo.

Inegavelmente, assevera Vilhena Alves, há valor nas letras portuguesas, mas os trechos selecionados são arcaicos e não despertam o interesse dos jovens, assim, é necessário escolher textos com linguagem atual e simples. Por isso a escolha de autores nacionais modernos para compor o livro, no qual os leitores também encontram para orientar a escrita modelos de carta, poesias adequadas às instruções e exercícios para recitar e declamar, entre outros.

Imagem 10 – Techo do prefácio escrito por Vilhena Alves



Fonte: <http://www.fcp.pa.gov.br/2016-11-24-18-22-47/selecta-litteraria>.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.**

Selecta Litteraria também ensina história e geografia, bem como o amor à pátria – a partir dos pressupostos de José Veríssimo –, que só teriam seu sentido pleno quando ensinados a partir de bons hábitos e valores. No caso da literatura, o livro buscava cumprir o que se chamava de *catecismo político*, pois além de incluir a literatura no currículo escolar, propunha, por meio dela, a propagação de valores e ideais.

Foram selecionados 53 textos de diversos autores brasileiros, que escreveram sobre os mais diversos assuntos. Nomes consagrados pelo cânone literário, como José de Alencar e Álvares de Azevedo. Os textos, apresentados no parecer como *artigos*, eram o que havia de mais moderno, segundo Vilhena Alves, e se apresentam como poemas a serem declamados, letras de hinos, narrativas descritivas, concepções da época – sobre a mulher e a ciência, por exemplo –, valores patrióticos, além de modelos de cartas para orientar a escrita. Eis uma apresentação geral dos textos, seus autores e a paginação. A leitura dos títulos já indica a variedade de temas apresentados no livro.

Quadro 1 – Textos que compõem o livro *Selecta Litteraria*

Título	Autor	Página
<i>O Brasil</i>	Rocha Pitta	15-16
<i>Roma</i>	João Francisco Lisboa	16
<i>A França</i>	João Francisco Lisboa	17-18
<i>A palavra</i>	José de Alencar	18-20
<i>O livro</i>	[Há embaixo do título do poema a seguinte informação entre parênteses: “Poesia recitada por uma menina em dia de distribuição de prêmios, no Maranhão”]	20-21
<i>A mulher – Excerpto de um discurso</i>	Rocha Lima	21-23
<i>O somno d’um anjo</i>	Luiz Guimarães Júnior	24
<i>Amor da pátria</i>	Fr. Joaquim Caneca	24-25
<i>A mulher</i>	Monsenhor Joaquim Pinto de Campos	25-26
<i>Trecho do exórdio²⁷ de um sermão de S. Pedro de Alcântara</i>	S. Pedro de Alcântara	26-27
<i>Trecho da peroração²⁸ de um discurso sobre a abolição da escravidão</i>	Joaquim Nabuco	27-29
<i>As creanças</i>	Eugênio de Carvalho	29-30
<i>O ensino moderno</i>	[Sem autoria]	30-32
<i>A sciencia</i>	Rocha Lima	32-34
<i>A escola</i>	Damasceno Vieira	34-35
<i>O estudo</i>	Barão de Macahubas	35-36

²⁷ Segundo o Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, é uma rubrica da retórica e significa “o início de um discurso; preâmbulo, prólogo, proêmio”.

²⁸ O Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa apresenta duas acepções para este substantivo feminino: “1 a última parte de um discurso; conclusão. 2 discurso breve”.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.**

<i>Á mocidade</i>	Domingos J. Gonçalves de Magalhães	36-37
<i>A cheia</i>	José de Alencar	37-38
<i>O retrato</i>	Luiz Guimarães Júnior	39-40
<i>Uma virgem</i>	José de Alencar	40-42
<i>A poesia</i>	Raiol	42-43
<i>Carta de felicitação em dia de aniversário natalício</i>	M. A. Álvares D’Azevedo	43-44
<i>Outra carta</i>	M. A. Álvares D’Azevedo	44-45
<i>Camões</i>	Julio Cesar Ribeiro de Souza ²⁹	45
<i>Retrato</i>	Theodoro Magno ³⁰	46-47
<i>Carta a um filho que andava nos estudos</i>	---	47-49
<i>Resposta</i>	---	49-50
<i>A sciencia</i>	S. H. Magno ³¹	50-51
<i>Oração fúnebre</i>	M. A. Álvares D’Azevedo	52-53
<i>A luz natural e a luz da instrução</i>	D. Antônio de Macedo Costa ³²	53-54
<i>A música</i>	J. Felício dos Santos	55-56
<i>A serra de Paranapiacaba</i>	Salvador Mendonça	56-57
<i>Um concerto</i>	Luiz Guimarães Junior	57-59
<i>A aurora</i>	[Sem autoria. Consta apenas a informação “Extrahido”]	59-61
<i>A secca no Ceará – Excerpto</i>	S. H. Magno	61-62
<i>O rio Paquequer</i>	José de Alencar	62-64
<i>Arredores do Paquequer</i>	José de Alencar	64-66
<i>A cidade de luz – A escola</i>	Luiz Delfino	67-68
<i>Tempestade em terra</i>	Teixeira e Souza	68-70
<i>Tempestade no mar. – Naufragio</i>	[Sem autoria. Consta apenas a informação “Extrahido”]	70-72
<i>Um passeio nos arredores</i>	[No fim do texto, consta esta informação entre parênteses: “Extrahido de Theodorico Magno, com acrescimo por V.A.”]	73-74
<i>Nunes Machado – Excerto</i>	Pedro Luiz de Souza	75-76
<i>O incendio</i>	J. Felício dos Santos	77-78
<i>Batista Campos</i>	Júlio Cesar Ribeiro de Souza	78-79
<i>A história (A)</i>	J. M. Pereira da Silva	79-80
<i>A história (B)</i>	Affonso Celso	80-81
<i>O Pará</i>	Júlio Cesar Ribeiro de Souza	81-82
<i>Henrique Dias – 31 de agosto</i>	Vilhena Alves	83-84
<i>Hymno do estudo</i>	Paulino de Brito ³³	84
<i>Marquez do Herval</i>	Vilhena Alves	85-87
<i>A concha e a virgem</i>	Gonçalves Dias	87-88
<i>A passagem de Humaytá – Excerpto</i>	O. P	88-90
<i>Saudação à mocidade</i>	Barão de Paranabiacaba	90-92

²⁹ Membro da Academia Paraense de Letras, cadeira nº 27.

³⁰ Membro da Academia Paraense de Letras, cadeira nº 35.

³¹ Santa Helena Magno. Membro da Academia Paraense de Letras, cadeira nº 35.

³² Membro da Academia Paraense de Letras, cadeira nº 12.

³³ Membro da Academia Paraense de Letras, cadeira nº 34.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.**

O livro foi divulgado nos jornais da época, como se comprova na publicação feita pelo editor da obra de dois informes, em duas edições diferentes do jornal *A República*:

Imagem 11 – Jornal *A República* do dia 18 de fevereiro de 1900



Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=704440&pasta=ano 190&pesq=vilhena alves>

Imagem 12 – Jornal *A República* do dia 20 de março de 1900



Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=704440&pasta=ano 190&pesq=vilhena alves>

4.3 OS DISCURSOS INSCRITOS NA OBRA DE VILHENA ALVES

Os ventos do além-mar trouxeram homens estrangeiros no século XV para o Pará. No final do século XIX e início do século XX, são as ideias revolucionárias que chegam ao Pará e ganham terreno. Uma nova economia, uma nova cultura, uma nova identidade precisa ser criada e propagada. Nesse cenário, é a escola que se apresenta como lugar, e, o livro, como instrumento de transformação da sociedade paraense.

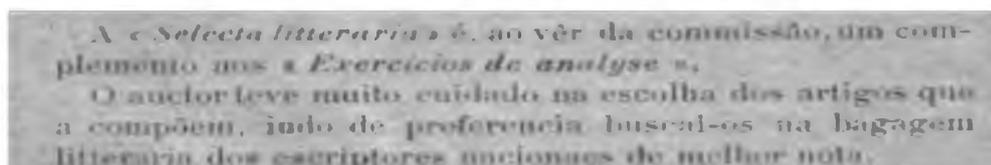
O livro do professor Vilhena Alves, *Selecta Litteraria* – objeto de análise desta pesquisa de mestrado – é um livro escolar de leitura, publicado nesse período histórico. Neste estudo, consideram-se os pressupostos da História Cultural e da Análise Dialógica do

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Discurso, assim, os livros como materialidades históricas veiculam ideologias construídas a partir de práticas sociais e saberes derivados dessas práticas.

No âmbito da leitura, a valorização da letra nacional é uma necessidade para Vilhena Alves, e uma característica valorizada pelos responsáveis pelo parecer concedido à obra *Selecta Litteraria*.

Imagem 13 – Techo do parecer emitido pela comissão de avaliação



Fonte: *Selecta Litteraria*, página 8.

Essa perspectiva é parte do interesse do historiador Roger Chartier, quando, a partir da influência da Escola dos Annales, volta seu olhar para as estratégias empregadas na sociedade para que um texto seja considerado “válido” como produção intelectual (CHARTIER, 2011). Enquanto via apresentada pelo referido autor – *vide* item 2.3.1 neste trabalho –, o livro *Selecta Litteraria* pode ser enquadrado na matriz histórica e na que está relacionada ao entendimento do termo *leitura*. O livro foi concebido para um fim específico: a prática de leitura na escola primária do Pará, como forma de se conseguir a emancipação nacional, cujo fim seria a busca da identidade brasileira.

Ao considerarmos a obra analisada de acordo com os modelos de Batista e Galvão (2009), esta se enquadra no modelo retórico-literário, pois foi produzida a fim de despertar o gosto pela leitura, visando a prática posterior da escrito, como é informado no prefácio da obra pelo autor.

No caso da produção de Vilhena Alves, o parecer da comissão avaliadora destaca a atuação deste como professor e preocupado com as questões do ensino, o que confirma a sua realidade docente ligada ao que propõe em suas produções. É pensando nessa relação que Duarte (2015) apresenta a proposição de Alan Chopin quanto a funções que as obras escolares desempenham, o que, de certa forma, respalda o seu valor social. As funções – conceituadas na terceira seção deste trabalho – são: referencial, instrumental, ideológica e cultural e documental.

A obra ora analisada pode exercer a função referencial e instrumental, afinal é material pensado e trabalhado visando o ensino. Mas a abordagem da pesquisa considera as

funções ideológica e cultural e a documental, esta por se basear no suporte livro de leitura, e aquela por entender que a leitura de determinada obra permite a veiculação de ideologias que interferem diretamente na forma de pensar de uma sociedade.

Destarte, destacam-se os pressupostos apresentados por Mikhail Bakhtin, a fim de comprovar a relação entre a ideologia e os discursos implícitos destacados na materialidade do texto.

Como já foi mencionado, o livro *Selecta Litteraria* é uma seleção de textos considerados modernos e produzidos por autores brasileiros, inclusive paraenses; o próprio organizador, Vilhena Alves, escreve dois textos. No prefácio da obra, escrito por Vilhena Alves, ele a apresenta primeiro a partir do que as outras seletas trazem: textos de autores portugueses que não ajudam os estudantes a formar e desenvolver o gosto pela leitura, principalmente a partir de uma leitura que eduque para o patriotismo, “Assim, a nossa *Selecta* é constituída exclusivamente com trechos de auctores nacionaes” (ALVES, 1900, do prefácio). O livro deixa também evidente as concepções de mundo do autor, acerca de questões como cultura geral, história do Brasil, ciência e questões sociais.

Entender as tramas tecidas nos discursos torna-se o desafio para o analista do discurso quando compara o que a fonte apresenta com as concepções contemporânea de pensar determinado assunto.

Assim, o que a fonte apresenta é um indício do que a pesquisa documental possibilita como método: diversas possibilidades de conceitos e significados. Significados que são expressos no texto e que advêm de discursos, que, por sua vez, não são neutros, ou seja, trazem dentro de si uma intenção. Nas palavras de Orlandi (2015, p. 61),

O texto é a unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte. O que faz ele diante de um texto? Ele o remete imediatamente a um discurso que, por sua vez, se explicita em suas regularidades pela sua referência a uma outra formação discursiva que, por sua vez ganha sentido porque deriva de um jogo definido pela formação ideológica dominante naquela conjuntura.

A conjuntura na qual a obra de Vilhena Alves circula é de pretensa transformação social, mas a educação por meio dos textos reforça estereótipos. Isso é explicado por Boudieu, Bresson e Chartier (2011), quando tratam das estratégias utilizadas a fim de que a produção seja considerada “válida”: de forma explícita, ela precisa circular; de forma implícita, os discursos veiculados devem estar em consonância com o que se espera de um determinado grupo. Nisso, destaca-se a *ortodoxia do texto*, afinal, se determinado texto é

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

recomendado por uma instituição, não há por que questionar seu conteúdo, ainda mais considerando-se o suporte em que esses discursos são veiculados: o livro.

O livro *Selecta Litteraria* é considerado um suporte que contém gêneros do discurso, que são um tipo relativamente estáveis de enunciado, veiculados em uma situação de comunicação verbal; ele tem uma função social: foi usado em escolas paraenses, na escola primária, a fim de instruir o cidadão republicano. Como toda obra, é inacabada, pois precisa que o leitor, como sujeito histórico – situado no tempo e no espaço –, dê sentido a ele.

Os textos que compõem o *Selecta* são classificados como secundários – pois exigem uma forma de comunicação mais elaborada – e diversificados do ponto de vista da tipologia e dos gêneros textuais. Marcuschi assim os diferencia:

- a. Tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela sua natureza linguística de composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*. O conjunto de categorias para designar *tipos textuais* é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto, dizemos que esse é um texto *argumentativo* ou *narrativo* ou *expositivo* ou *descritivo* ou *injuntivo*.
- b. Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os gêneros que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais objetivos enunciativos estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, construindo em princípio listagens abertas (MARCUSCHI, 2008, p. 154-155, destaques do autor).

Essas duas definições podem ser compreendidas, considerando que toda atividade humana necessita do uso da língua por meio de enunciados. Destarte, no livro organizado por Vilhena Alves, pode-se encontrar tipologias e gêneros textuais – o que é apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 – As tipologias textuais do livro *Selecta Litteraria*

Título	Tipologia	Gênero/conteúdo
<i>O Brasil</i>	Descrição	Texto didático que apresenta as riquezas animais, vegetais e minerais.
<i>Roma</i>	Exposição	Texto didático que menciona o mito de origem e a grandeza histórica da cidade de Roma.
<i>A França</i>	Exposição	Texto didático que menciona grandes vultos da história francesa.
<i>A palavra</i>	Exposição	Texto didático em que o autor uso o recurso da prosa poética para definir o que é a palavra.
<i>O livro</i>	Exposição	Poema que menciona a importância e influência desse objeto na vida das meninas.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.**

<i>A mulher– Excerpto de um discurso</i>	Argumentação	Discurso sobre o papel da mulher na sociedade
<i>O somno d’um anjo</i>	Exposição	Poema em que o eu lírico vela o sono de sua filha.
<i>Amor da pátria</i>	Exposição	Texto didático breve – um parágrafo – que apresenta o patriotismo como única paixão, um valor.
<i>A mulher</i>	Exposição	Texto didático que se define a figura da mulher em cada fase da vida.
<i>Trecho do exórdio de um sermão de S. Pedro de Alcântara</i>	Argumentação	Sermão no qual o santo – de origem espanhola e escolhido por Dom Pedro II como padroeiro do Brasil – quer rememorar grandes feitos de sua vida, na qual se destacam o amor à religião e à pátria.
<i>Trecho da peroração de um discurso sobre a abolição da escravidão</i>	Exposição	Texto didático no qual o autor compara o movimento abolicionista com o fluxo ininterrupto das águas.
<i>As creanças</i>	Exposição	Poema dedicado à infância, destacada como melhor fase da vida.
<i>O ensino moderno</i>	Argumentação	Texto didático em que se critica a educação sem finalidade para os meninos, que por sua vez devem buscar a autonomia dos estudos.
<i>A sciencia</i>	Argumentação	Discurso proferido na comemoração do 1º aniversário de instalação do gabinete de leitura cearense, em 1876. Exalta a ciência como marca de progresso para a cultura letrada.
<i>A escola</i>	Exposição	Poema que evidencia o cotidiano de uma escola exemplar.
<i>O estudo</i>	Exposição	Texto didático sobre os benefícios do estudo.
<i>À mocidade</i>	Exposição	Poema no qual o eu poético chama a mocidade ao patriotismo.
<i>A cheia</i>	Descrição	Conto sobre um evento natural.
<i>O retrato</i>	Narração	Conto em prosa poética, no qual um filho se dirige a sua mãe, cuja imagem foi registrada no retrato.
<i>Uma virgem</i>	Narração	Conto em que o narrador apresenta uma jovem aos moldes românticos.
<i>A poesia</i>	Exposição	Texto didático sobre o fazer poético.
<i>Carta de felicitação em dia de aniversario natalicio</i>	Exposição	Carta destinada à irmã.
<i>Outra carta</i>	Exposição	Carta destinada à mãe.
<i>Camões</i>	Exposição	Poema escrito em homenagem ao poeta português.
<i>Retrato</i>	Narração	Conto sobre jovem aos moldes românticos.
<i>Carta a um filho que andava nos estudos</i>	Exposição	Carta escrita pelo pai “F”, de Muaná, a seu filho que mora em Belém, orientando sua conduta.
<i>Resposta</i>	Exposição	Carta de resposta do filho, afirmando seguir a orientação do pai.
<i>A sciencia</i>	Exposição	Poema no qual o eu poético exalta a ciência.
<i>Oração funebre</i>	Exposição	Oração na qual é recordado intelectual um anos após a sua morte.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional:** análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

<i>A luz natural e a luz da instrução</i>	Exposição	Texto didático no qual se faz uma analogia entre a luz criada por Deus e a luz da instrução na vida dos homens.
<i>A música</i>	Exposição	Texto didático que destaca o papel civilizatório da música, o que foi percebido por Carlos Gomes.
<i>A serra de Paranapiacaba</i>	Descrição	Texto didático que apresenta o estado da natureza e a ação humana modificando-a.
<i>Um concerto</i>	Narração	Conto em 1ª pessoa/singular sobre a experiência de um espectador quando da execução por uma orquestra do Hino da mocidade, que não era uma das grandes obras clássicas, mas agradou ao público.
<i>A aurora</i>	Narração	Conto sobre uma manhã de maio.
<i>A secca no Ceará – Excerpto</i>	Descrição	Poema sobre a seca do Ceará.
<i>O rio Paquequer</i>	Descrição	Conto em que se descreve o rio.
<i>Arredores do Paquequer</i>	Descrição	Conto em que se descreve os arredores do rio [aparentemente, continuação de “O rio Paquequer”].
<i>A cidade de luz – A escola</i>	Exposição	Poema que apresenta a escola como lugar de aprendizado.
<i>Tempestade em terra</i>	Narração	Conto que apresenta a ocorrência de uma tempestade vista da terra.
<i>Tempestade no mar. – Naufragio</i>	Narração	Conto que apresenta a ocorrência de uma tempestade no mar.
<i>Um passeio nos arredores</i>	Narração	Conto que apresenta um passeio em dia de verão.
<i>Nunes Machado – Excerto</i>	Exposição	Poema que enaltece um vulto.
<i>O incendio</i>	Narração	Conto que apresenta um incêndio que fascina um pajé.
<i>Batista Campos</i>	Exposição	Poema que enaltece um vulto.
<i>A história (A)</i>	Exposição	Texto didático sobre o que o autor entende como válido para o ensino de história [Para ele, a história é uma ramo literário].
<i>A história (B)</i>	Exposição	Texto didático que apresenta a concepção de história como ciência.
<i>O Pará</i>	Exposição	Poema de exaltação do Estado.
<i>Henrique Dias – 31 de agosto</i>	Exposição	Texto didático para a valorização de um vulto.
<i>Hymno do estudo</i>	Exposição	Hino de exaltação
<i>Marquez do Herval</i>	Exposição	Texto didático para a valorização de um vulto.
<i>A concha e a virgem</i>	Exposição	Poema que apresenta o diálogo entre uma concha e uma mulher.
<i>A passagem de Humaytá – Excerpto</i>	Narração	Conto que relata uma das batalhas da Guerra do Paraguai.
<i>Saudação á mocidade</i>	Exposição	Poema de exaltação

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Serão apresentados os textos na ordem em que aparecem na obra. A ideia é apresentá-los em aspectos que os assemelhem enquanto tipologia e também expressem a intenção enunciativa a partir do discurso ideológico.

O livro apresenta os primeiros *artigos*³⁴, *O Brasil, Roma e A França*. São textos breves da tipologia descritiva e expositiva, respectivamente, e que apresentam a valorização da pátria, ao colocar o texto que se refere ao Brasil em primeiro lugar, seguidos dos que tratam de duas grandes nações, cuja história foi significativa para a humanidade, mas³⁵

Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bella a aurora. O sol em nenhum outro hemisfério tem raios tão dourados, nem os reflexos nocturnos são brilhantes. As estrellas são as mais benignas e se mostram sempre alegres. Os horisontes, ou nasça o sol, ou se sepulte, estão sempre claros. As aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são mais puras.

*É enfim o Brasil terra paraíso descoberto, onde têm nascimento e curso os maiores rios, domina salutar clima, influem benignos astros e respiram auras suavíssimas, que o fazem fértil e povoado de innumeráveis habitantes.*³⁶

Em seguida, há o texto *A palavra*, texto expositivo no qual o grande nome do romantismo brasileiro, José de Alencar, discorre sobre a função da palavra na vida dos que a têm. Inspiração divina, mote para a imaginação, fonte de inspiração,

*Eis o que é a palavra : simples e delicada flôr do sentimento, nota palpitante ao coração, ella póde elevar-se até o fastigio da grandeza humana e impor leis ao mundo do alto d'esse throno, que tem por degrau o coração e por cúpula a intelligencia.*³⁷

A palavra é o signo ideológico por excelência. E, na 1ª República, a ideia veiculada era que seu domínio livraria o homem republicano da ignorância. Ela é considerada um marco para a civilização. Tal qual o suporte em que ela se encontra: o livro. Nessa relação se chega ao campo da ideologia, conceito caro ao filósofo russo Mikhail Bakhtin, pois é na interação por meio da linguagem que se instaura o conflito e emergem as ideologias. Como a que se percebe no poema *O livro*³⁸,

³⁴ Denominação utilizada pela Secretaria Geral da Instrução ao emitir o parecer – vide anexo. No quadro 2, segundo as tipologias e os gêneros, a identificação foi feita a partir de aspectos predominantes.

³⁵ O operador argumentativo, cuja função sintática evidencia recurso argumentativo, foi usado por mim, pois, como afirmei anteriormente, os textos são de modo predominantemente descritivo e expositivo, isto é, na leitura não percebi intenção de comparação entre as nações. Todavia, considerando o que o texto é atravessado por um discurso ideológico, a escolha de um texto alusivo aos Brasil para iniciar a obra tem valor significativo.

³⁶ Cf. ALVES, 1900, p. 15-16.

³⁷ Cf. ALVES, 1900, p. 20.

³⁸ Cf. ALVES, 1900, p. 20-21.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

*Nós somos filhas da idéa
D'este seculo de luz.
Saudemos esta epopéa
— O livro, moderna cruz.*

*Pois quando brota a semente
Da bemfazeja instrucção,
Deus orvalha complacente
As almas da multidão.*

[...]

*Sacerdotizas dos templos
Edificados no lar,
Sejamos fontes de exemplos
D'esta idea salutar.*

*Fez-se milagre moderno
D'outro sabio creador :
O livro — este germe esterno —
Fez da materia esplendor!*

[...]

Ao livro, foi atribuída a importância de apresentar a realidade para o cidadão da República, pois, desde o século XVIII, a burguesia já o havia elegido (ZILBERMAN, 2012).

A autora acrescenta:

Contendo, portanto uma vocação democrática, entendida esta como alargamento da oferta de bens culturais e abertura de horizontes intelectuais e cognitivos, a leitura – e o livro que lhe serve de suporte e motivação – será efetivamente propulsora de uma mudança na sociedade se for extraída dela a inclinação política que traz embutida desde as primeiras iniciativas, visando a sua populatização. (ZILBERMAN, 2012, p. 65).

Nesse sentido, retoma-se as ideias políticas de José Veríssimo, quando este, pensando na reforma da educação, elege aquelas que são consideradas no poema *O livro as Sacerdotizas do templo / Edificados no lar, / Sejamos fontes de exemplos / D'esta idea salutar*, dando destaque à “primeira e principal educadoras dos homens”, assim, é pela mulher que deve se pensar a educação (FRANÇA, 2007, p. 193). O intelectual se preocupava com a influência que a criação das mulheres portuguesas, que foram educadas com base na cultura árabe. Não cabia ao contexto da República essa condição. À mulher, Veríssimo atribui “[...] papel fundamental na formação das novas gerações, propõe libertá-las desse estado de submissão e dependência, oferecendo-lhe educação compatível com as novas exigências do mundo moderno” (FRANÇA, 2007, p. 194).

Dos 53 textos, seis são alusivos diretamente à figura da mulher, considerando seja o título, seja o conteúdo. E é nessa recorrência, percebida como preocupação para o autor das obras, que será abordado, apenas de forma introdutória, o que é enunciado nas obras sobre o papel social da mulher.

O primeiro inicia na página 21, inserido depois³⁹ do poema *O livro*, intitulado *A mulher* e de autoria de Rocha Lima. Traz a informação que se trata de um excerto de um discurso. Discurso este que apresenta uma mulher restrita ao lar e à vontade do homem: “O homem legisla, ella submete-se, ás vezes com sacrificio, sempre com resignação e bondade para não perturbar o socego da casa”. O texto segue afirmando que a mulher até seria capaz de se destacar mais socialmente, mas não o faz “por um escrúpulo maravilhoso e sem exemplo, de nunca exigir prerrogativas, quando ainda lhe restam deveres a cumprir [com os filhos e em casa]” (ALVES, 1900, p. 22).

Em seguida, há o texto de Luiz Guimarães Junior, *O somno d’um anjo*, poema em que o eu lírico apresenta a filha aos moldes românticos: “Deus, por quem toda a criação se humilha / – Que tenha pena d’essa creatura, / D’esse botão de flôr – que é minha filha” (ALVES, 1900, p. 24).

O texto do Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, também intitulado *A mulher*, como o de Rocha Lima, e que inicia na página 25, apresenta um “tom” diferente – o de Rocha Lima é um texto direto, objetivo; enquanto o do monsenhor, talvez por sua formação religiosa, apresenta um “tom” de instrução, até catequético –, mas a concepção é a mesma: a mulher ligada à maternidade, à família e ao cuidado com os pais.

O quarto texto inicia na página 40 e é uma produção do grande nome do romantismo brasileiro, José de Alencar. O texto é intitulado *Uma virgem*, de tipologia narrativa e conta que “uma linda moça se embalava indolentemente em uma rede” (ALVES, 1900, p. 40) e, como bom romântico, Alencar segue descrevendo essa moça com detalhes e procurando encantar o leitor. O que ela estava pensando? “[...] algum d’esses mythos de um coração de moça de dezoitos anos” (ALVES, 1900, p. 42).

O texto intitulado *Retrato* é de Theodorico Magno e inicia na página 46, é também uma narrativa que apresenta uma mulher aos moldes românticos: é mulher intocada, que “Na idade em que as moças do povoado começaram a exercitar-se aos esgares e arrebiques,

³⁹ Neste momento, será desconsiderada a sequência dos textos na obra, a fim de apresentar um tópico relevante para esta análise.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional**: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

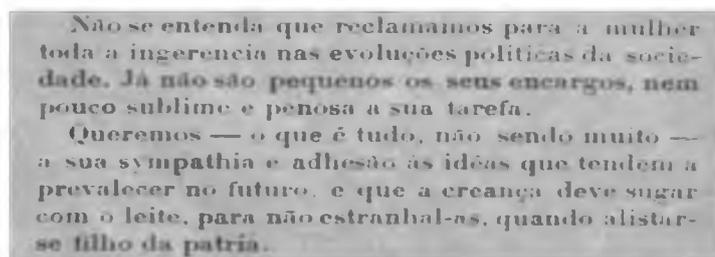
Olympia sentia na alma candida trescalarem idyllios assim como as rosas, suas irmãs” (ALVES, 1900, p. 46).

Por fim, a figura da virgem retorna na página 87, no poema de Gonçalves Dias, intitulado *A concha e a virgem*. O poema apresenta um diálogo entre uma concha que boiava no mar e uma donzela que estava a meditar e compara a existência das duas, resultando que a moça, por mais que vagueie, terá um único fim: a morte.

Destarte, percebe-se o uso da palavra por parte de um grupo para assumir a função de apresentar a mulher em um lugar específico dentro das relações sociais. Segundo Stella (2008), uma das propriedades da palavra que corrobora isso, a partir da concepção bakhtiniana, é a *neutralidade*: dependendo do contexto, a palavra pode assumir qualquer função.

José Veríssimo defenderá a educação das mulheres, no intuito de reformar a educação brasileira, pois mulheres “sem nenhum tipo de instrução, privadas de um convívio social mais amplo, não poderiam ser educadoras dos homens que a sociedade estava a exigir”. Para essa finalidade, a mulher teria que ter uma educação enciclopédica e integral, mas sem aprofundamento, pois sua fundamental atividade ela exerce como mãe e esposa (FRANÇA, 2007, p. 198).

Imagem 14 – Techo do texto *A mulher*, de Rocha Lima



Fonte: *Selecta Litteraria*, página 22.

Destarte, à mulher cabe uma função essencial na aurora republicana, defendida por dois grandes intelectuais da educação brasileira, José Veríssimo e Vilhena Alves, que almejavam instruir cidadãos para novos tempos. Com o texto *Amor da patria*, de Frei Joaquim Caneca, é retomada a sequência dos textos do livro e tal produção corrobora o pensamento corrente:

Quando geme a patria, – ao vagido dos filhos, ás lágrimas da esposa, ao lamento dos paes, a tudo se cegam os olhos e se ensurdecem os ouvidos do justo

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.**

*patriota. O coração, cheio de piedade á patria não reserva logar algum aos outros affectos : calam-se todas as outras paixões, e só fala o patriotismo.*⁴⁰

Na sequência desse texto, há o texto *A mulher*, do Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, já analisado. Este é seguido do *Trecho do exórdio de um sermão de S. Pedro de Alcântara*. São Pedro de Alcântara foi nomeado o padroeiro do Brasil por D. Pedro II, que recebeu seu nome em homenagem ao santo espanhol que viveu no século XV.

O gênero sermão foi popularizado no Brasil por Pe. Antônio Vieira, e assim como fez o padre jesuíta, São Pedro fez uso de alegorias para tratar de um determinado momento de sua vida:

*[...] e eu mesmo pareço estanho áquelles que me escutam, – como resuscitar esse passado tão fértil em reminiscencia? Como reproduzir esses transportes, esse enlevo, com que realcei as festas da religião e da patria?*⁴¹

O texto seguinte é outro trecho de um texto final, escrito por Joaquim Nabuco, *Trecho da peroração de um discurso sobre a abolição da escravidão*. Tema importante para Vilhena Alves, abolição era algo necessário para modernizar o Brasil. O texto é expositivo e utiliza a alegoria da água para explicar o movimento que se alastrou pelo Brasil:

*E eu vos digo, senhores : não tenhaes medo da força d'essa enchente, do volume d'essas aguas, dos prejuizos d'essa inundação ; porque, assim como o Nilo deposita sobre o solo arido do Egypto o lodo de que saem as grandes colheitas, por fôrma que se disse que o Egypto é um presente do Nilo, – assim também a corrente abolicionista leva suspensos em suas aguas os depositos do trabalho livre e da dignidade humana, o solo physico e moral do Brasil future, do qual se ha um dia dizer que elle, na sua propriedade e na sua grandeza, foi um presente ao Abolicionismo.*⁴²

O poema *As creanças*⁴³, de Eugenio de Carvalho, apresenta o ideal romântico de infância:

*Se as vejo numa sagrada
Hora, á memoria me acode
Essa quadra que não póde
Voltar mais : a infancia amada.
[...]
Irmãs sagradas das rosas,
Irmãs dos lyrios, dos beijos,
São os mais doces desejos
De suas mães carinhosas.
[...]*

⁴⁰ Cf. ALVES, 1900, p. 24-25.

⁴¹ Cf. ALVES, 1900, p. 26.

⁴² Cf. ALVES, 1900, p. 28-29.

⁴³ Cf. ALVES, 1900, p.29

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Com a ideia de tornar o ensino prático e interessante aos meninos, o texto intitulado *O ensino moderno*, sem autoria, assevera que o ensino deve orientar para a vida em sociedade, buscando o protagonismo dos alunos:

É preciso que o próprio menino contribua para o desenvolvimento da sua intelligencia, do mesmo modo que contribue para o seu desenvolvimento corporal pela acção physiologica dos seus orgãos. Forneçamos-lhes os materiaes, e ensinemos-lhes a server-se d'elles.

[...]

Convem, pois, que empreguem os mestres sem cessar todos os meios para desenvolver esta preciosa faculdade, que sob os modesto nomes de bom-senso e senso-comum, é realmente uma faculdade superior.⁴⁴

Tais ideias estão em consonância com o discurso pronunciado na comemoração de um ano da inauguração do gabinete de leitura cearense, no dia 2 de dezembro de 1876. No trecho do discurso, que foi intitulado *A sciencia*, Rocha Lima enaltece a ciência e seus avanços, que propiciaram a transformação da sociedade e a confraternização dos povos. Os surgimento dos gabinetes de leitura evidenciaram os valor que os livros passaram a ter depois da ascensão da burguesia, e, no Brasil, essa importância foi destacada, aliada à ideia do patriotismo:

Agora que solemnisaes o primeiro aniversario de vossa instituição, eu queria saudar-vos e também ao povo que acudiu ao ruidar de vossa festa. Não o faço : ao povo, porque, em recompense de sua cooperação espontanea e generosa, colherá em breve os fructos da arvore, que o vosso patriotismo plantou : a vós, porque basta despertar-vos uma esperança :

– Quando a terra for semeada de almas luminosas como o firmamento é marchetado de estrelas ; quando a lei da attracção, que governa os astros no espaço, governar os homens em sociedade, – no livro de luz e de lagrimas, em que estiver escripta a historia da nossa redempção, o vosso nome estará gravado pela gratidão popular.⁴⁵

Os ideais românticos retornam no poema *A escola*, de Damasceno Vieira. O espaço em que a escola está situada é idílico – perto de um riacho e rodeada pela natureza – e os alunos estão dispostos a aprender, com um professora que os prepara para a vida. Novamente, surge a ideologia voltada especificamente para a mulher: o papel de mãe.

[...]

*A joven professora
Risonha ensina a ler,
Servindo e mentora
Nas regras do dever.*

⁴⁴ Cf. ALVES, 1900, p. 31-32.

⁴⁵ Cf. ALVES, 1900, p. 33-34.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional:** análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

*Dirige a consciencia,
Reprime instinctos máos :
Semelha a Providencia
Fazendo a luz no cháos.*

*Nos seus trabalhos rudes
Só pensa no porvir,
Ornando de virtudes
As mães que vão surgir.*

[...]

*Escola, bello exemplo,
Teus fructos dão victoria!
És pequenino templo
Que nos leva á gloria!⁴⁶*

A escola como templo, seguida da ideia de que o estudo é a virtude que mantém a alma pura. É o que defende Barão de Macahubas, no texto *O estudo*. Para ele,

O estudo melhora nossa alma tornando-a amante e boa; torna-a feliz, mantendo-a occupada e activa, e arrancando-a á inércia e ao tédio, cujo sentimento é talvez, depois dos remorsos, que há de mais afflictivo para ella.⁴⁷

A esse texto, segue o de Domingos J. Gonçalves de Magalhães. Trata-se de um poema, intitulado *Á mocidade*⁴⁸, alerta os jovens para um chamado:

*Álerta, oh mocidade!
A patria por vos chama,
E o bem da humanidade
Vosso esforço reclama.*

[...]

*Não diga o estrangeiro,
Que vê tantas bellezas
Que o povo brasileiro
É pobre entre riquezas.*

*Bani tanta vaidade :
Sciencia, industria e artes
São só da Liberdade
Os firmes baluartes.*

*Erguei-vos, e sem susto
Luctae com o erro fútil;
Amae tudo o que é justo
Santo, sublime e util.*

[...]

⁴⁶ Cf. ALVES, 1900, p. 35.

⁴⁷ Cf. ALVES, 1900, p. 36.

⁴⁸ Cf. ALVES, 1900, p. 36-37.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

O próximo texto é da tipologia descritiva, intitulado *A cheia*, no qual José de Alencar descreve o momento em que a água, com força estrondosa, altera a tranquilidade de um rio. A esse texto seguem *O retrato*, de Luis Guimarães Junior, e *Uma virgem*, de José de Alencar. Ambos analisados anteriormente.

Em seguida, há o texto de Raiol, intitulado *A poesia*. É texto expositivo, no qual o autor apresenta a poesia a partir das ideias gregas, assim, há a presença das musas e divindades gregas, mas há grande destaque aos valores cristãos.

O poeta é o cantos sincero do que ha de mais bello e sublime sobre a terra. A flôr mimosa que recende aroma ; a fonte limpida que corre entre seixinhos ; a brisa que rumojera nos leques das palmeiras ; a estrella que scintilla no firmamento ; o amor materno que nobilita a mulher ; a caridade que fraternisa os homens ; a veneração a Deus que santifica a alma ; tudo, enfim, que é grande e magestoso, aviventa e anima esses genios inspirados das musas.⁴⁹

Carta de felicitação em dia de anniversario natalicio e *Outra carta*, ambos de M. A. Alvares d’Azevedo, grande nome do romantismo, são textos com a intenção de mostrar o gênero carta e sua composição textual. Na primeira, o remetente se dirige à sua irmã para felicitá-la, mas não o faz adequadamente, pois o lugar em que está influencia sua forma de ver o mundo. Na segunda, o remetente dirige-se à sua mãe também pela data de seu aniversário, mas novamente o conteúdo centra-se na tristeza do filho, que escreveu na verdade para se despedir da mãe.

Julio Cesar Ribeiro de Souza escreveu o poema *Camões*, autor da maior obra em língua portuguesa, *Os Lusíadas*. Mas, diferente de outros que o exaltaram, o eu lírico fala do descaso com que o poeta luso foi tratado pelos seus.

A esse poema, segue *O retrato*, de Theodoro Magno – já analisado –, que por sua vez é seguido de mais duas cartas: a primeira é a *Carta a um filho que anda nos estudos*. O pai F. escreve de Muaná – município do Arquipélago do Marajó – a seu filho que estava estudando em Belém; estando o seu filho próximo de prestar os exames finais, o pai o orienta a se dedicar mais estudos, deixando de lado a diversão.

Na *Reposta*, o filho, também denominado F., afirma ter recebido a carta com alegria e garante ao pai que tantos os seus esforços, quanto os da mãe, serão recompensados com a dedicação que ele demonstrará nos estudos.

Em *A sciencia*, poema escrito por S. H. Magno, há a exaltação da ciência e sua ação no mundo. Esse poema é seguido da *Oração funebre*, de M. A. Alvares d’Azevedo, texto

⁴⁹ Cf. ALVES, 1900, p. 42.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

expositivo, no qual o emissor se dirige a outras pessoas, a lamentar a morte de alguém muito jovem, que era considerado uma “esperança acadêmica”.

A luz natural e a luz da instrução é o texto escrito por D. Macedo Costa que relaciona o *Fiat lux* divino com a luz da sabedoria concedida por Deus:

*O que se diz da luz material deve-se dizer analogicamente d'essa outra luz mais pura, mais formosa ainda, que ilumina toda a intelligencia que vem a este mundo. Espalhando-se n'alma, como o reflex do semblante de Deus, dá-nos o lume intelligivel, a preciosa faculdade de conhecer, de conceber idéas claras dos entes que nos circundam.*⁵⁰

A exposição do que vem a ser *A música* e o que ela causa no ser humano é o mote do texto escrito por J. Felício dos Santos.

*As inumeras anedotas que se contam sobre os efeitos da música têm a sua razão de ser como um facto civilizador. Diz um escriptor : << A legenda de Orpheu, que amansava os tigres e os leões com os suaves sons de sua lyra e o encanto de sua voz, não é senão uma poetica imagem do efeito civilizador da musica sobre povos selvagens de seu tempo. >>*⁵¹

Salvador Mendonça, em *A serra de Paranapiacaba*, descreve como a ação humana transforma um lugar. Enquanto que em *Um concerto*, texto narrativo, escrito por Luiz Guimarães Junior, conta a experiência de ouvir a execução de um hino por uma orquestra. *A aurora* é também um texto narrativo, que apresenta a experiência de observar o nascer de um novo dia; esse texto não apresenta autoria, consta somente a informação “Extrahido”.

No poema *A secca no Ceará*, escrito por S. H. Magno, o eu lírico descreve o lugar que sofre com as consequências da seca e encerra suplicando a Deus que cesse o sol e mande a chuva. Enquanto que José de Alencar escreve dois textos descritivos para apresentar *O rio Paquequer* e *Arredores do Paquequer*.

A escola como lugar de conhecimento retorna no poema escrito por Luiz Delfino, *A cidade luz: a escola*:

*Vós que buscaes a senda da esperança,
Entrae : aqui ha mundos luminosos
Num céo, que a mão, por mais pequena, alcança.*

[...]

*Tanta luz aqui dentro vos espera,
Que sahireis estrellas redivivas,
Como as que brilham na azulada esphera.*

⁵⁰ Cf. ALVES, 1900, p. 54.

⁵¹ Cf. ALVES, 1900, p. 55.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.**

*Almas, das trevas lugubres captivas,
Abri as vossas azas rutilantes ;
Entrae, bando de pombas fugitivas.*

*Nas curvas d'estes porticos gigantes
Haveis de ter uma inscrição, que alente
Os vossos vãos inda vacilantes.*

*É aqui o paiz do armor ardente,
Quem entra, leva um peso aos pés atado,
Como mergulhador no mar do Oriente.*

*Que sobe á tona leve e festejado,
E vem de tantas perolas coberto,
Que nem se lembra do labor passado.*

[...]

*A isto esta cidade vos convida.
Entrae : por mais que a noite em vós se note,
Tereis um astro á frente na sahida.*

*Da cidade moderna é luz o mote,
Que na porta da entrada arde e flameja.
Entrae ! a escola é cathedral, egreja,
Hostia – a sciencia ; o mestre – sacerdote.⁵²*

Os textos *Tempestade em terra*, de Teixeira e Souza, e *Tempestade no mar*. – *Naufrágio*, no qual não consta autoria, somente “Extrahido”, são predominantemente narrativos. Como o é *Um passeio nos arredores* é um texto, cuja autoria foi creditada a Theodorico Magno, mas consta a informação “com accrescimos por V. A.”.

O poema de Pedro Luiz Pereira de Souza, intitulado *Nunes Machado*, é uma homenagem a um vulto:

[...]

*Era louco por nossa Liberdade,
Por ella como um louco se bateu ;
Entretanto, cruel fatalidade !
Por mão de um assassin o heróe morreu.
Quanto melhor não fora, na batalha
Aos gritos pavorosos da metralha
Succumbir abraçado ao pavilhão!
Veria o céu azul enfumaçado;
E de sangue e sour todo banhado,
Como um bravo tambára alli no chão !*

*Mas não choreis irmãos : se elle está morto,
A Liberdade ainda está de pé !
Como jazer sem vida , sem conforto,*

⁵² Cf. ALVES, 1900, p. 67-68.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

*Se é tão viva e brilhante a luz da fê!
Oh! Tyrannos, o deus da Liberdade
Quando cáe não vos pede piedade :
Levanta-se mais forte, – é outro Antéu :
Quando um braço valente cáe por terra.
Surgem quarenta prompts para a guerra,
No logar d'esse bravo que morreu !⁵³*

O incendio, texto narrativo, escrito por J. Feliciano dos Santos, conta a história de um “Pagé” que teve seu corpo tomado por chamas. Esse texto é seguido de outro poema, desta vez um soneto, que homenageia outro vulto, este muito conhecido na história do Pará: *Baptista Campos*, escrito por Julio Cesar Ribeiro de Souza:

*Se a vista do pomposo monumento
Que de um heróe os feitos rememora,
Da patria gratidão mais avigora
O justo, o nobre, o puro sentimento ;*

*Muito mais respeitoso acatamento,
Ó filhos do Pará, vos deve agora
Esta casa inspirar onde inda mora
A sombra de um varão – patrio portento. –*

*Nesta humilde esquecida residencia
De aspecto pobre, de modesta vista,
Se escoou fecundissima existencia.*

*Vosso preito um heróe aqui conquista :
Tirae, pois, os chapéos em continencia
Á memoria do conego Baptista.⁵⁴*

Em seguida, há a sequência de dois textos, intitulados *A historia. A historia (A)* foi escrito por J. M. Pereira da Silva. Trata-se do olhar do autor sobre o ensino da disciplina história. Em um trecho do texto expositivo ele afirma:

Tive sempre gosto pela história. Não a quero, porém, para saber datas, estudar vida de principes e personagens illustres, e aprender o numero das guerras e combates que se pelejaram. Prefiro a que examina a fundo a sociedade inteira, que desce da cúpula elevada até o humilde chão do povo miúdo, discriminando as escalas e camadas pelas quaes se derrama a nação, e o sentir, o soffrer, o gozar e o aspirer de cada um dos súbditos. Agrada-me mais a que desenha os traços da administração publica, no mais largo sentido d'esta palavra, social, politica e economica.

Assim, comprehende a historia – o povo e a nação toda, e a apresenta de perfil, de face, no corpo, n'alma e no espirito.

Afigura-se-me então a história como o mais moralizado, instructive, agradavel e sublime dos ramos litterarios.⁵⁵

⁵³ Cf. ALVES, 1900, p. 76.

⁵⁴ Cf. ALVES, 1900, p. 78-79.

⁵⁵ Cf. ALVES, 1900, p. 79-80.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

No texto *A historia (B)*, Affonso Celso escreve um texto expositivo para falar da História como ciência:

Só uma arca sobreleva o pego. Cavalga-o, impõe-lhe redeas, domina-o. Chama-se Historia. Qual o seu Noé? O espirito humano. O arco de alliança, que lhe assegura a paz vindoura, é feito dos matizes fundidos das bandeiras de todas as nações : civilização.

[...]

Dir-se-ia um limbo amalgamado de sóes aposentados. Uma confederação autonómica de relampagos que dormem. Sciencia – eis o seu nome.⁵⁶

Julio Cesar Ribeiro de Souza escreveu *O Pará*, poema de exaltação ao Estado. Vilhena Alves, em seguida, apresenta *Henrique Dias*, como vulto da história do Brasil que “[...] escreveu na história da sua patria uma das paginas mais brilhantes. [...]. Apesar de tudo isso, morreu esquecido e quasi na indigencia, aos 31 de Agosto de 1661” (ALVES, 1900, p. 83).

Paulino de Brito compôs o *Hymno do estudo*, que sintetiza a ideia republicana para os estudantes:

*Avante! A nossa divisa
Já dissipa a escuridão !
A Patria de luz precisa :
Dêmos-lhe a luz da instrucção!*

*Na hora das grandes lutas
Deus quer as grandes acções.
E do esforço de seus filhos
Surge a gloria das nações.*

*Pois bem ! Se a Patria confia
Em nosso esforço infantil,
Que seja a nossa divisa
Cobrir de gloria o Brasil !*

*Avante, pois! Caminhemos
Às batalhas da instrucção !
– A luz em vez do experminio,
A penna em vez do canhão.*

*E, se acaso houver vencidos
Nestes combates do bem,
É vasto o manto da gloria
Para envolvel-os também !⁵⁷*

Marquez do Herval é o segundo texto escrito por Vilhena Alves para fazer a exposição da vida de um militar que lutou na Guerra do Paraguai:

⁵⁶ Cf. ALVES, 1900, p. 81.

⁵⁷ Cf. ALVES, 1900, p. 84.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional:** análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

*O marechal Manoel Luiz Osorio, marques do Herval, senador do imperio e ex-ministro d'Estado, é hoje lembrado pelo povo – que o admirava e idolatrava – como uma especie de personagem legendario, á semelhança dos antigos heroes e semi-deuses.*⁵⁸

Ao texto de Vilhena Alves, segue *A concha e a virgem*, poema de Gonçalves Dias já analisado. Em seguida, o excerto *A passagem de Humaytá*, texto predominantemente narrativo, escrito por O. P.

Por fim, *Saudação á mocidade*, poema escrito pelo Barão de Paranapiacaba. O texto valoriza a religião, a ciência e o patriotismo como diretrizes para os jovens.

A obra de Vilhena Alves só pode ser entendida como discurso a partir das condições de produção. Só assim se pode perceber as ideologias que a perpassam, desde a intenção evidenciada por meio da seleção dos textos de autores nacionais até os sentidos advindos da leitura, tanto ontem – período em que se pretendia formar um cidadão republicano –, quanto hoje – momento em se pode analisar os discursos inscritos no livro *Selecta Litteraria*. Nessa perspectiva, entende-se a noção bakhtiniana de enunciado como um evento único e irrepetível. Os discursos podem transitar, sofrer modificações, mas os sujeitos respondem a eles de forma diferente, pois é o momento histórico, social e cultural que os validam.

Os tempos modernos sempre são outros... é sempre o agora. Mas, inevitavelmente, a pesquisa documental traz um quê de “novidade” quando o olhar do pesquisador se volta para o antes. A partir do que foi visto até aqui, ainda há muito a ser confrontado. Apenas, como o foi para Bernardo Soares, ficará a mágoa de não poder já ler pela primeira vez...

⁵⁸ Cf. ALVES, 1900, p. 86.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No princípio era o Verbo... O tema da palavra é recorrente nos textos do evangelista João, que a vê como a verdade. A palavra é o signo que nos instiga a buscar o sentido por meio da interação, por isso tanto interesse em estudá-la e entender a repercussão de seu uso em determinado momento histórico.

Na pesquisa intitulada *A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará a obra Selecta Litteraria, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves*, busquei, a exemplo do eu poético de Drummond, o poder de encantar as palavras... só que elas são tantas...

Assim como tantas foram as ideias e motivações que conduziram o professor Francisco Ferreira de Vilhena Alves a escrever e pensar a educação, a ponto de publicar obras de leitura e de gramática em um momento significativo de transformação social e cultural em Belém e no Brasil.

As práticas e os saberes advindos dessas práticas na escola primária do Pará durante a Primeira República (1889-1930) são interesse do projeto coordenado pela Profa.^a Dr. Socorro França, que convidou a Prof.^a Dr. Socorro Cardoso e a mim para para pesquisar a leitura como uma dessas práticas. Dessa maneira, a produção desta dissertação teve como objetivo analisar os discursos constituídos sobre leitura que constituíam a educação na 1ª República no Pará, a partir da obra *Selecta Litteraria*, do professor Vilhena Alves, analisada como objeto físico e como texto. A fim de operacionalizar a pesquisa, foram definidos os seguintes objetivos específicos: compreender a motivação do ensino de leitura na escola primária, identificar os discursos ideológicos que norteiam a obra e verificar a importância dos materiais de leitura para o ensino.

Os impressos são fontes de pesquisa utilizados pela pesquisa documental a partir da expansão de seu conceito pela nova história: as fontes passaram a ser diversas e isso abriu possibilidade para a pluralidade na interpretação. Assim, é o método que garante a observação pontual do objeto de pesquisa; é ele que permite ao analista entrar em contato com o contexto e interpretar o objeto mesmo que este esteja deslocado no tempo.

Foram esses pressupostos que permitiram uma análise preliminar da obra de Vilhena Alves inserida em um contexto e identificar algumas ideologias que perpassam o discurso impresso. O que se apresenta como um desafio, considerando o anacronismo discursivo,

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional: análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará** na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

que, às vezes, induz ao julgamento e ao desprestígio de certas ideias. Mas o que tenho feito até aqui é um exercício de paciência e respeito ao outro.

A obra *Selecta Litteraria* foi escolhida, entre tantas produções de Vilhena Alves, por se coadunar com a intenção da pesquisa, pois sua materialidade foi possibilitada com um fim específico: a instrução para a leitura em um determinado tempo e lugar.

Os pressupostos da História Cultural e da Análise Dialógica do Discurso (ADD) foram as bases desta análise. Inicialmente, Roger Chartier e seus estudos sobre o livro enquanto objeto físico, mas em uma nova perspectiva: a da Nova História, na qual os estudiosos não estão preocupados com vultos ou com apenas um lado dos acontecimentos. É necessário pensar a sociedade como forma coletiva. Destarte, tendo como base as práticas de leitura em impressos, o *Selecta Litteraria* foi um livro “aceito” como produção intelectual válida por um determinado grupo que via na educação uma forma de mudança social. Como a elite intelectual o definiu como discurso válido, foi aceito sem questionamento. Tal inferência só é possível considerando-se que a pesquisa em obras antigas só pode se basear em índices resultantes das práticas de leitura a partir da leitura crítica que se pode fazer ao pensamento “oficial” da época.

No mesmo rol de pensadores, está Mikhail Bakhtin e seus estudos da linguagem, ao questionar a linguística saussuriana. No que tange a língua ser um fato social, Bakhtin concorda com Saussure, mas ele se afasta do mestre genebrino quando valoriza a fala como resultado da vontade do falante, ou seja, o que este enuncia o faz a partir de ideologias, que por sua vez são resultantes da interação com o meio. Daí por que o filósofo russo elege a interação em detrimento da língua, pois esta se configura como o elo entre a realidade social e a linguística. Nesse sentido, foram apresentadas as categorias bakhtinianas – ideologia, enunciado e gênero do discurso – que operacionalizaram a análise da *Selecta Litteraria* como discurso.

Os gêneros do discurso são uma categoria que chamaram a atenção da Linguística Textual, cuja análise se mostrou profícua. Alguns conceitos foram apresentados para o *corpus* fosse analisado, tais como tipologia e gênero textual. Denominados de *artigos*, os textos que compõem a *Selecta Litteraria* apresentam certa estrutura e intencionalidade discursiva que puderam ser enquadrados nas categorias apresentada por Marcuschi (2008), que, por sua vez, se baseou nos pressupostos bakhtinianos.

BRABO, Sylvia Elieny Calandrini. **A letra nacional:** análise discursiva do ensino de leitura na 1ª República (1889-1930) no Pará na obra *Selecta Litteraria*, de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Nesse sentido, foi apresentado um projeto intelectual proposto por Vilhena Alves. Tal projeto estava em consonância com o discurso que José Veríssimo apresentou na sua mais conhecida obra, *A Educação Nacional*, analisada por França (2007).

As mudanças econômicas, ocorridas no Pará com o *boom* da borracha, resultaram em transformações de toda ordem: urbanística, moral, política. E a única maneira de fazer com que essas transformações de fato ocorressem seria por meio da educação. Assim, um grupo de intelectuais começou a discutir a melhor maneira de instruir o povo, de torná-lo “civilizado”, o que só seria possível seguindo o modelo europeu, sem esquecer o “tom” nacionalista. Por isso, a escola e o livro passam a ser instrumentos para a transformações.

Inicialmente atrelada a ordens religiosas, ao longo dos anos, a educação no Pará se desenvolveu consideravelmente devido à atuação de seus intelectuais. José Veríssimo e Vilhena Alves apontaram a urgência de se reformar o sistema educacional – Veríssimo como burocrata e Vilhena Alves como professor –, a começar pelos materiais didáticos, que precisavam estar ligados à vida dos estudantes.

Assim, chega-se ao objeto físico: o livro de leitura *Selecta Litteraria* pode ser definido como modelo retórico-literário – apresentado por Batista e Galvão (2009) –, visto que um dos objetivos de sua publicação era despertar o gosto pela leitura. Sendo uma seleta, apresenta variedade de tipologias e gêneros do discurso, cuja finalidade permite pensar em um modelo de leitura, pois sendo praticada na escola, a leitura precisa ser didatizada em etapas: o professor era o referencial para ser fazer bem a leitura expressiva e a interpretação do texto. Além de considerar os textos de grandes autores nacionais como fôrma para o início da prática da escrita. Nesse sentido, entende-se a inserção de gêneros como a carta – foram apresentadas 04 (quatro) –, meio de comunicação muito usado na época.

A materialidade do texto é o discurso. Destarte, não se pode pensar o modelo pretendido no ensino de leitura na escola primária apenas como transmissão de informações. O que a ADD faz suscitar é a percepção de uma complexa relação que envolviam sujeitos históricos e o sentido pretendido por professores e intelectuais da educação.

Tais entendimentos permitiram averiguar a hipótese desta pesquisa: o livro *Selecta Litteraria*, como instrumento, foi pensado e materializado para constituir um modelo de leitura na escola primária do Pará. E o que orientou esse ensino – esse foi o objetivo geral deste trabalho – foram práticas escolares que tinham o livro de leitura como meio de emancipação dos cidadãos em busca de uma identidade nacional.

Para chegar a essa assertiva, também foi averiguado que a motivação para esse ensino de leitura era formar cidadãos republicanos, que valorizassem a letra nacional a partir da produção literária brasileira. Vinculados a essa valorização, destacam-se os discursos que foram selecionados a fim de despertar o patriotismo, principalmente nos jovens. Ao discurso patriótico, estava ligado o discurso religioso, moral e ético. Cidadãos bem formados e conhecedores de sua realidade precisam seguir bons exemplos, por isso no *Selecta Litteraria* há a presença de muitos textos exaltando grandes vultos da história brasileira. Tal característica reforça a importância dos materiais de leitura para o ensino, isto é, além de educar, também preservam discursos, imortalizam figuras históricas e evidenciam a maneira de pensar de uma época. Essas ponderações – a partir do que foi proposto nos objetivos específicos –, ajudam a evidenciar um projeto intelectual voltado para a educação paraense na 1ª República.

O livro *Selecta Litteraria* é uma prova, um documento que resistiu ao tempo e ainda tem muito a dizer, mesmo depois de tantos anos “em silêncio”. O que até aqui foi apresentado, evidencia a minha leitura da obra de um grande intelectual da educação paraense. Em um país em que pouco ou nada se acredita à educação, é motivo de alegria conhecer intelectuais como Vilhena Alves, que não só exerceu a docência, mas também se preocupou com a maneira de ensinar e ensinar bem.

Resta agora buscar outras primeiras leituras, para que, como Bernardo Soares, sejam alcançadas certezas sinfônicas e outros sentidos sejam apreendidos para a construção de uma educação brasileira de qualidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Francisco Ferreira de Vilhena. **Selecta litteraria**. 2. ed. Belém: R. L. Bittencourt, 1900a.
- ARAÚJO, Joseane Sousa. **Arquivos, bibliotecas e periódicos na Vigia oitocentista**. 2011. 172f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail Mihkailovich. **Estética da criação verbal**. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. O conceito de livros didáticos. In: BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria Oliveira. **Livros escolares de leitura no Brasil: elementos para uma história**. Campina, SP: Mercado de Letras, 2009, p. 75-104.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria Oliveira. Livros de leitura: uma morfologia. In: _____. **Livros escolares de leitura no Brasil: elementos para uma história**. Campina, SP: Mercado de Letras, 2009, p. 75-104.
- BOURDIEU, Pierre; BRESSON, François; CHARTIER, Roger (Orgs.). **Práticas de leitura**. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado, enunciado concreto, enunciação. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 61-78.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- BURQUE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. 2.ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.
- CHARTIER, Roger. **A Aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Imprensa Oficial e Editora da Unesp, 1998. (Coleção Prismas)
- _____. **Cultura escrita, literature e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.
- _____. Do livro à leitura. In: BOURDIEU, Pierre; BRESSON, François; CHARTIER, Roger (Orgs.). **Práticas de leitura**. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- COELHO, Maricilde Oliveira. **Para despertar no coração da mocidade o sentimento de amor à Pátria: o livro *Seleto Literária*, do professor Francisco Ferreira Vilhena Alves**. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/08-%20IMPRESSOS-%20INTELECTUAIS%20E%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/PARA%20DESPERTAR%20NO%20CORACAO%20DA%20MOCIDADE%20O%20SENTIMENTO%20DE%20AMOR%20A%20PATRIA.pdf>. Acesso em: 1º nov. 2017.
- COSTA, Luiz Rosalvo. **A questão da ideologia no círculo de Bakhtin: e os embates no discursos de divulgação científica da revista Ciência Hoje**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2017.

DUARTE, Raimunda Dias. **A ordem de educar meninos na Amazônia paraense: uma análise discursiva da obra “Compêndios de civilidade cristã” de Dom Macedo Costa (1880-1915).** 2015. 273f. Tese (Doutorado em Educação). Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

_____. **Livros escolares de leitura na Amazônia:** produção, edição, autoria e discursos sobre educação de meninos, civilidade e moral cristã. Campina, SP: Pontes Editores, 2018.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **Pensadores sociais e história da educação.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro G. de S. A. José Veríssimo e a educação nacional. In: ARAÚJO, Sônia Maria da Silva (Org.). **José Veríssimo: raça, cultura e educação.** Belém: EDUFPA, 2007, p. 171-225.

ILDONE, José; MEIRA, Clóvis; CASTRO, Acyr (Orgs.). **Introdução à literatura no Pará.** Volume V. Belém: CEJUP, 1995, p. 11-18.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 7.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013, p. 485-499.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais no ensino de língua. In: _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr. **Introdução à literatura no Pará.** 2. ed. Belém: CEJUP, 1990, p. 104-110.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** 4.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 168-176.

MONTEIRO, Benedicto. **História do Pará.** Belém: Editora Amazônia, 2006.

MOREIRA, Eidorfe. **O livro didático paraense: breve notícia histórica.** Belém: Imprensa Oficial, 1979.

NOBRE, Izete Garcia Nobre. **Leitura a vapor: a cultura letrada na Belém oitocentista.** 2009. 180f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípio e procedimentos.** 12.ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2015.

PARÁ, Governo do Estado do Pará. **A instrução pública no Estado do Pará em 1890.** Relatório apresentado ao Exm^o. Sr. Dr. Justo Chermont Leite – Governador do Estado do Pará, por José Veríssimo, diretor geral da Instrução Pública. Pará: Tipografia de Tavares Cardoso, 1891.

PARÁ, Conselho Estadual de Cultura. **Theodoro Braga no centenário do seu nascimento.** Belém: Imprensa Oficial, 1972. (Coleção História do Pará – Série Barão de Guajará)

PÉCORA, Alcir. O campo das práticas da leitura, segundo Chartier. In: BOURDIEU, Pierre; BRESSON, François; CHARTIER, Roger (Orgs.). **Práticas de leitura**. 5.ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

RODRIGUES, Denise Simões; FRANÇA, Maria do P. S. G. de S. A. de. A pesquisa documental sócio-histórica. In: MARCONDES, Maria Inês; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. (Orgs.). **Metodologias e técnicas de pesquisas em educação**. Belém: EDUEPA, 2010, p. 55-74.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a bella-époque (1870-1912)**. 3.ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.

SOEIRO, José Ildone Favacho. **Cem anos de educação: a Vigia em seu “Barão”**. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 177-190.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais da linguagem do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.

ZILBERMAN, Regina. Leitura e sociedade. In: _____. **A leitura e o ensino de literatura**. Curitiba: InterSaberes, 2012. (Série Literatura em Foco)

ANEXOS

Anexo 1 – Autorização da Secretaria Geral da Instrução Pública do Estado do Pará**Secretaria Geral da Instrução Pública do Estado do Pará**

Belem, 21 de Junho de 1899.

Sr. Professor Francisco Ferreira de Vilhena Alves.

Devidamente auctorizado pelo Sr. Dr. Director Geral da Instrução Publica, scientifico-vos que o Conselho Superior, em sessão de hoje, approvou o parecer que sobre a vossa obra, denominada « Selecta litteraria », emittiu a respectiva commissão, mandando adoptal-a nas escolas complementares d'este Estado.

Incluso remetto-vos copia d'esse parecer, e bem assim o manuscripto da referida obra, que acompanhou a vossa petição.

Saude e Fraternidade.

(Assignado) — Heraclito Pinheiro, Secretario geral.

(Houve officio especial em relação a approvação dos Exercícios de analyse.)

Anexo 2 – Parecer da comissão de avaliação

PARECER

A comissão eleita para dar parecer sobre o merito das obras denominadas « *Exercícios de analyse* » e « *Selecta litteraria* », organisadas pelo professor Francisco Ferreira de Vilhena Alves, para serem admittidas nas escolas complementares do Estado, vem desobrigar-se de sua incumbencia.

Ninguem ha que, tendo acompanhado o ensino da lingua patria nas nossas escolas primarias, desconheça que as modernas theorias grammaticaes, se bem que não sejam ignoradas, graças aos esforços e boa vontade dos nossos professores, ainda são na mór parte confundidas com as velhas theorias, e resentem-se de uma perfeita methodização.

Quer o ensino da analyse lexicologica em suas divisões em analyses taxonomica, phonologica e morphologica, quer o ensino da analyse syntactica, dividindo-se por sua vez em analyses lexica e logica, ainda não têm os seus limites perfeitamente comprehendidos na escola primaria paraense.

E nenhuma outra disciplina, como a lingua portugueza, feita a sua aprendizagem, como já se disse, de accordo com as modernas theorias grammaticaes, precisa ser methodizada, adaptada mesmo ás novas doutrinas pedagogicas do ensino intuitivo, porque á primeira vista ella se

afigura como cívica de dificuldades, não só nos olhos da criança, mas também do mestre.

O compendio denominado « *Exercícios de analyse* » está destinado a produzir proveitoso resultado no ensino desenvolvido da lingua vernacula, de accordo com os hodiernos principios philologicos.

O sr. professor Villona Alves, um dos membros do magisterio paraense que mais tem estudado o portuguez moderno, conhecendo as dificuldades com que lucta o professor primario, organisou essa obra, onde, a par de uma methodização que parece a mais racional possível, vêm-se perfeitamente delimitadas as diversas divisões das analyses lexicologica e syntactica.

Além d'isso o auctor addicionou ao final de sua obra grande numero de exercicios, exemplificando todos os casos e dificuldades que possam apparecer, de modo a amenisar o trabalho do professor, pondo-lhe diante dos olhos o exemplo que vem facilitar a comprehensão do alumno.

A « *Selecta litteraria* » é, ao vêr da commissão, um complemento aos « *Exercícios de analyse* ».

O auctor teve muito cuidado na escolha dos artigos que a compõem, indo de preferencia buscá-los na bagagem litteraria dos escriptores nacionaes de melhor nota.

Não só para os exercicios de escripta dictada e de leitura explicita e commentada, mas também para os exercicios de analyse que devem ser no ultimo anno do curso superior do ensino primario feitos do modo a não serem esquecidos os diversos casos que foram estudados nos annos anteriores, a « *Selecta litteraria* » parece o melhor dos livros existentes, tanto mais quando, organizada em sua totalidade com trechos de escriptores nacionaes, é um elemento para a educação cívica do alumno, pois despertará nelle o amor as lettras patrias.

Assim sendo, pensa a commissão que os livros de que trata, elaborados por um professor em quem muito confia

e de quem espera ainda muito o nosso ensino publico, devem ser approvados e mandados adoptar nas escolas complementares d'este Estado.

—
Todavia estara prompta a acatar e respeltar qualquer deliberação que o conselho julgue mais acertada.

Belem, 22 de Maio de 1899

Hilario Maximo de Sant'Anna.

Raymundo Bertoldo Nunes.

Dr. Antonio Marçal.



Anexo 3 – Regulamento geral do ensino primário

REGULAMENTO GERAL

do ensino primario

Artº. 66. — As escolas complementares são destinadas a ministrar o ensino aos alumnos que se mostrarem habilitados nas materias do curso elementar.

§ 1º Este ensino será dividido em dois cursos — médio e superior — comprehendendo as seguintes materias :

CURSO MÉDIO. — <i>Leitura e escripta</i>
.
.
CURSO SUPERIOR. — <i>Leitura e escripta dictada.</i>
.
.

Anexo 4 – Prefácio escrito por Vilhena Alves

PREFACIO

As Selecções litterarias que andam por ahí impressas não satisfazem, a meu vêr, o fim para que são destinadas : compostas, quasi todas, de trechos de auctores portuguezes antigos, não podem formar e desenvolver o gosto do estudante pela litteratura moderna, menos ainda pela litteratura patria.

Não nego que fr. Luiz de Souza, Lobo, o padre Manoel Bernardes, Barros, o padre Antonio Vieira e outros classicos portuguezes sejam grandes auctoridades, quando se trata da pureza da lingua vernacula. Mas nem tudo o que escreveram pode servir hoje de modelo ; porquanto palavras e phrases e até paginas inteiras, que se podiam considerar bellezas no tempo d'aquelles escriptores, hoje são completamente obsoletas. Ora, apresental-as como exemplos dignos de imitação a mocidade inexperiente e querer resuscitar a linguagem archaica d'aquellas épocas, é fazer-nos retrogradar ás construcções cerradas e alatinadas, as antitheses semsabores e aos periodos de legua e meia.

O padre Vieira é um dos melhores classicos; mas é preciso saber jogar a prosa do illustre jesuita, para que, com as espigas douradas, não venham d'envolta outras — chóchas, ou podres.

É, porém, o que não se faz. Ordinariamente amontoam-se a esmo trechos de auctores antigos, sem o menor criterio, e formam-se assim as *Selectões* litterarias. É pobre do estudante que va quebrar a cabeça para decifrar aquella linguagem sibyllina, e o professor que se mate a buscar nos tratados de grammatica ou nos dictionarios a explicação d'aquillo que é simplesmente... inexplicavel.

Diz-se-ha talvez que a obscuridade não provém tanto dos classicos, mas sim da intelligencia de quem os lê.

É possível, e mesmo provavel que assim seja. Mas, em todo o caso, o livro do estudante deve ser sempre claro e simples, e não uma colleção de charadas e enigmas — para que os espinhos e as pedras não façam recuar o inexperito viandante, da carreira das letras.

Por isso tudo, larguei de mão os auctores antigos, e organisei a presente « *Selecta* » com excerptos de escriptores modernos.

Pudera ter aproveitado muita cousa boa de auctores portuguezes modernos, taes como Herculano, Castilho, Garrett, Latino, Theophilo Braga, etc., como fez em parte o preclaro mestre João Ribeiro, nem sempre com felicidade. Entendi, porém, que, possuindo nos uma litteratura rica, não precisamos de andar mendigando aos estranhos aquillo que temos em casa com abundancia.

Assim, a nossa « *Selecta* » é constituida exclusivamente com trechos de auctores nacionaes.

Nella encontrara o estudante bellos exemplos de

descrições, que poderão servir-lhe de modelos para os seus primeiros ensaios: optimos trechos apropriados para analyse: alguns modelos de cartas: importantes poesias adequadas para as festas da instrucção, proprias para exercicios de recitação e declamação, etc.

Sobretudo, o que se teve em vista, nesta « *Selecta* », foi — desenvolver o amor pela instrucção em geral e pela litteratura patria em particular, assum como despertar no coração da mocidade o sentimento do amor da patria.

Pequena como é, e pela maneira por que está organizada, poderá servir não só para os cursos secundarios e normaes, mas ainda para o primario, pois nas actuaes escolas complementares manda-se ensinar *leitura e escripta* no curso médio, *leitura e escripta dictada* no curso superior.

Pará, Fevereiro de 1890.

VILHESA ALVES



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Travessa Djalma Dutra, s/nº – Telégrafo
66113-200 – Belém-PA
<http://ccse.uepa.br/mestradoeducacao>